



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.40
OUTUBRO
2024



INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC ISSN/2675-520



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.40
O U T U B R O
2024



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da EDITORA INTEGRALIZE, (SC) Brasil

International Integralize Scientific. 40ª ed. Outubro/2024. Florianópolis - SC

Periodicidade Mensal

Texto predominantemente em português, parcialmente em inglês e espanhol

ISSN/2675-5203

1 - Ciências da Administração

2 - Ciências Biológicas

3 - Ciências da Saúde

7 - Linguística, Letras e Arte

8 – Ciências Jurídicas

4 - Ciências Exatas e da Terra

5 - Ciências Humanas/ Educação

6 - Ciências Sociais Aplicadas

9 – Tecnologia

10 – Ciências da Religião /Teologia



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Editora Integralize - SC – Brasil**

Revista Científica da EDITORA INTEGRALIZE- 40ª ed. Outubro/2024
Florianópolis-SC

PERIODICIDADE MENSAL

Texto predominantemente em Português,
parcialmente em inglês e espanhol.
ISSN/2675-5203

1. Ciências da Administração
2. Ciências Biológicas
3. Ciências da Saúde
4. Ciências Exatas e da Terra
5. Ciências Humanas / Educação
6. Ciências Sociais Aplicadas
7. Ciências Jurídicas
8. Linguística, Letras e Arte
9. Tecnologia
10. Ciências da Religião / Teologia



INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

EXPEDIENTE

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

ISSN/2675-5203

É uma publicação mensal, editada pela
EDITORA NTEGRALIZE | Florianópolis - SC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande, CEP 88032-005.

Contato: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.online>

Diretor Geral

Luan Trindade

Diretor Financeiro

Bruno Garcia Gonçalves

Diretora Administrativa

Vanessa Sales

Diagramação

Balbino Júnior

Conselho Editorial

Marcos Ferreira

Editora-Chefe

Prof. PhD Vanessa Sales

Editores

Prof. PhD Hélio Sales Rios

Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva

Prof. Dr. Francisco Rogério Gomes da Silva

Prof. Dr. Fábio Terra Gomes Júnior

Prof. Dr. Daniel Laiber Bonadiman

Técnica Editorial

Rayane Souza

Auxiliar Técnica

Rayane Rodrigues

Editores Auxiliares

Reviane Francy Silva da Silveira

James Melo de Sousa

Priscila de Fátima Lima Schio

Lucas Teotônio Vieira

Permitida a reprodução de pequenas partes dos artigos, desde que citada a fonte.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN / 2675-5203**

É uma publicação mensal editada pela
EDITORA INTEGRALIZE.
Florianópolis – SC
Rodovia SC 401, 4150, bairro Saco Grande, CEP 88032-005
Contato (48) 4042 1042
<https://www.integralize.online/acervodigital>

EDITORA-CHEFE

Dra. Vanessa Sales

Os conceitos emitidos nos artigos são de
responsabilidade exclusiva de seus Autores.



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.40
OUTUBRO
2024



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTE

LINGUISTICS, LETTERS AND ART

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTE

A ARTE NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE E NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO.....08

Autor: PRISCILA MARTINS DINIZ

Contato: priscilla.mdiniz@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Tavares

ART IN THE CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY AND THE SOCIO-EMOTIONAL DEVELOPMENT OF HIGH SCHOOL STUDENTS

EL ARTE EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA SUBJETIVIDAD Y EL DESARROLLO SOCIOEMOCIONAL DE LOS ALUMNOS DE SECUNDARIA

O LÚDICO E A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....18

Autor: JESSICA ANGELIQUE FERREIRA DE CARVALHO

Contato: angeliqueferreiradecarvalho.je@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

PLAY AND ART IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

EL LÚDICO Y EL ARTE EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

O PAPEL DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO DOS FILHOS.....24

Autor: REGINA CELIA GOSSLER DE PAULA

Contato: galega.rc@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

THE ROLE OF PARENTS IN THE ARTISTIC DEVELOPMENT OF CHILDREN

EL PAPEL DE LOS PADRES EN EL DESARROLLO ARTÍSTICO DE LOS HIJOS

O MUSEU COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO FORMAL.....33

Autor: ELAINE DE SOUZA TREVISANI DIAS

Contato: elainetrevisane@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

THE MUSEUM AS AN INFORMAL EDUCATIONAL SPACE

EL MUSEO COMO ESPACIO EDUCATIVO NO FORMAL

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL E O PAPEL DO PROFESSOR.....41

Autor: CLAUDINEIA APARECIDA DA SILVA

Contato: claudineia9880@yahoo.com

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

THE IMPORTANCE OF ART IN ELEMENTARY EDUCATION AND THE ROLE OF THE TEACHER

LA IMPORTANCIA DEL ARTE EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA Y EL PAPEL DEL PROFESOR

A ARTE NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE E NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO

ART IN THE CONSTRUCTION OF SUBJECTIVITY AND THE SOCIO-EMOTIONAL DEVELOPMENT OF HIGH SCHOOL STUDENTS

EL ARTE EN LA CONSTRUCCIÓN DE LA SUBJETIVIDAD Y EL DESARROLLO SOCIOEMOCIONAL DE LOS ALUMNOS DE SECUNDARIA

Priscila Martins Diniz

priscilla.mdiniz@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6054207473454160>

DINIZ, Priscila Martins. **A Arte na Construção da Subjetividade e no Desenvolvimento Socioemocional de Estudantes de Ensino Médio**. Revista International Integralize Scientific, Ed. n.40, p. 08 – 17, Outubro/2024. ISSN/2675 – 5203

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Tavares - <https://lattes.cnpq.br/8011557620379266>

RESUMO

A arte como suporte para o desenvolvimento do ser humano tem se apresentado como base de estudo teórico e desenvolvimento de práticas pedagógicas desde o século XIX. Este artigo tem como objetivo destacar a arte como instrumento humanizador e capaz de potencializar habilidades socioemocionais em adolescentes, estudantes do ensino médio, favorecendo a construção de formas mais elaboradas de ser e estar no mundo. Como metodologia para esse estudo foi escolhida a abordagem qualitativa por meio de pesquisa bibliográfica de fundamentação teórica em Freud (1977), Vygostky (1999/2001) e Jung (2013). A arte apresenta capacidade de ir além das barreiras da linguagem verbal e da lógica, gera nos indivíduos capacidade de conexão com sentimentos íntimos e permite acesso às emoções, expressando-as e permitindo a sua compreensão a partir de diferentes suportes e instrumentos, que vão desde uma simples folha de papel até paredes e telas de computador, transcorrendo-se pelas infinitas possibilidades do fazer artístico. Diante disso, entender os aspectos relacionados à arte e seus possíveis impactos na qualidade de vida e bem-estar emocional dos estudantes na fase da adolescência torna-se relevante na medida em que os resultados desse estudo podem colaborar para a compreensão das relações e impactos da arte nas salas de aula.

Palavras-chave: Arte. Subjetividade. Identidade Psicologia Educacional.

SUMMARY

Art as a support for human development has been the basis of theoretical study and the development of pedagogical practices since the 19th century. The aim of this article is to highlight art as a humanizing tool capable of enhancing socio-emotional skills in adolescents and high school students, favoring the construction of more elaborate ways of being in the world. A qualitative approach was chosen as the methodology for this study, using bibliographical research based on Freud (1977), Vygostky (1999/2001) and Jung (2013). Art has the capacity to go beyond the barriers of verbal language and logic, it generates in individuals the capacity to connect with intimate feelings and allows access to emotions, expressing them and allowing them to be understood using different supports and instruments, ranging from a simple sheet of paper to walls and computer screens, going through the infinite possibilities of artistic making. In view of this, understanding the aspects related to art and its possible impact on the quality of life and emotional well-being of students during adolescence becomes relevant insofar as the results of this study can contribute to understanding the relationships and impact of art in the classroom.

Keywords: Art. Subjectivity. Identity Educational Psychology.

RESUMEN

El arte como soporte para el desarrollo del ser humano ha sido la base de estudios teóricos y del desarrollo de prácticas pedagógicas desde el siglo XIX. El objetivo de este artículo es destacar el arte como una herramienta humanizadora capaz de potenciar las habilidades socioemocionales en estudiantes adolescentes de secundaria, favoreciendo la construcción de formas más elaboradas de estar en el mundo. Se eligió un enfoque cualitativo como metodología para este estudio, utilizando investigación bibliográfica basada en Freud (1977), Vygostky (1999/2001) y Jung (2013). El arte tiene la capacidad de traspasar las barreras del lenguaje verbal y la lógica, genera en los individuos la capacidad de conectar con sentimientos íntimos y permite acceder a las emociones, expresándolas y permitiendo su comprensión utilizando diferentes soportes e instrumentos, que van desde una simple hoja de papel hasta paredes y pantallas de ordenador, pasando por las infinitas posibilidades del quehacer

artístico. Por todo ello, conocer los aspectos relacionados con el arte y su posible impacto en la calidad de vida y el bienestar emocional de los alumnos durante la adolescencia cobra relevancia en la medida en que los resultados de este estudio pueden contribuir a comprender las relaciones y el impacto del arte en el aula.

Palabras clave: Arte. Subjetividad. Identidad Psicología de la Educación.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre os impactos da arte na subjetividade humana remontam à Antiguidade, filósofos como Platão e Aristóteles já discutiram o papel da arte no cultivo da vida humana. Nunes (2003 p.21) aponta que a filosofia da antiguidade clássica adotou três princípios para compreender os estados da arte, sendo eles: a imitação para definir a natureza da arte, o estético, para estabelecer as condições necessárias de sua existência, e o moral para julgar o seu valor. A doutrina platônica buscou condensar a experiência do belo a partir dos pontos de vista metafísico, psicológico e da beleza universal. Do ponto de vista platônico, a arte só excepcionalmente se relaciona com a verdadeira beleza, que é a inteligência pura, capaz de intuir a natureza das coisas por meio do conhecimento teórico pode contemplar (Nunes, 2003 p. 23). Para Aristóteles a arte possui um caráter contemplativo do belo, via na arte uma forma de catarse, permitindo que o indivíduo purgasse emoções profundas.

Ao longo da Idade Média, a arte se tornou um veículo de expressão religiosa e espiritual, reforçando a ideia de que o divino moldava o assunto. A partir do Renascimento, pode-se observar que a arte passa a espelhar um fragmento do mundo real (Gombrich, 1999 p.183), momento em que se almejou um retorno às ideias centrais do antropocentrismo, e a arte pôde ocupar lugar em que é possível a explorar as individualidades, o corpo humano e as circunstâncias de existência (Gombrich, 1999 p.174). Bosi (2001) aponta que nesse momento história, a partir de figuras como Leonardo da Vinci, a arte da pintura e do desenho assumem o estatuto de ciências da visão, portanto formas nobres de conhecimento cujo foco vivo está no olho humano, olho alerta e pensante pelo qual a pintura é *cosa mentale*.

Nos séculos XVIII e XIX, com o advento do Iluminismo e do Romantismo, a ideia da arte como formadora da subjetividade se mostrou com mais força. Segundo Bosi (2001) o Romantismo foi um período em que se buscou exaltar a expressão individual e a conexão emocional com o mundo, apoiando o papel essencial da criatividade na revelação da profundidade do Eu interior.

No século XX, a partir das teorias nas áreas da educação e da psicologia, abriu-se um vasto campo de estudo sobre como a arte pode ser ferramenta no processo de construção do Eu.

A arte está presente nos mais diversos aspectos da vida e nas atividades mais cotidianas, nas quais sempre buscamos algum tipo de beleza e prazer, ao escolher o que se vai vestir, uma música para ouvir, as cores das canetas que iremos escrever ou a cor que iremos pintar determinada parede, estamos levando em consideração diversos aspectos estéticos. Pesquisas contemporâneas nas áreas da psicologia, sociologia e neurociência têm apontado sobre como o ato de criar ou experienciar arte pode influenciar a autopercepção, estimular a autorreflexão e moldar a identidade.

Na área educacional pode-se desenvolver nos alunos uma forma própria de apreciar esteticamente o mundo que os rodeia, potencializar a sensibilidade estética por meio de suportes de fazeres artísticos, e também por meio do contato visual, sonoro ou material com artistas e

suas obras. Torna-se necessário aprender a ouvir e a ver, entender as formas de representação, aprender a decifrar as mensagens para podermos nos emocionar com elas, afinal só podemos apreciar aquilo que conhecemos. Sem esse aprendizado a arte ficaria reduzida à pura espontaneidade e ao universo particular de cada artista.

Neste contexto, este artigo busca explorar de que maneiras a arte atua como uma ferramenta transformadora na construção da subjetividade humana, examinando tanto os aspectos históricos quanto os estudos contemporâneos que elucidam essa relação. Para a fundamentação teórica deste artigo foram elencados autores que abordam a subjetividade humana como Freud (1977), Vygostky (1999/2001), Jung (2013) dentre outros.

COMO A PSICOLOGIA COMPREENDE AS FUNÇÕES DA ARTE

A psicologia reconhece a arte como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais a partir de suas diversas abordagens teóricas. Há, sobretudo, um consenso de que a arte é um meio poderoso de expressão e comunicação que pode impactar a saúde mental e emocional dos sujeitos de forma significativa.

No campo da psicologia clínica, a relação entre arte e terapias ocupacionais concebeu uma área de estudos específica denominada arteterapia, que indica a arte como instrumento terapêutico em algumas áreas de atuação, como hospitais, instituições e centros de reabilitação no geral. De acordo com Reis (2014), pesquisas relacionadas à arteterapia em saúde, em sua maioria, partem da investigação em saúde mental em áreas como psiquiatria e enfermagem, com enfoque na arteterapia exatamente como dispositivo terapêutico em saúde mental.

Alguns teóricos na área da psicologia contextualizaram o pensamento criativo e o impacto da arte e suas funções para os indivíduos, utilizando também estudos na psicanálise, que elegeu como objeto de estudo a vida inconsciente e suas manifestações. Para Freud (1977), a arte tem a função de sublimação de desejos inconscientes, em que o artista direciona sua energia libidinal de seus desejos originais para uma atividade socialmente aceita e, assim, realiza de outra forma seu desejo original. A esse processo, Freud (1977) deu o nome de sublimação e o relacionou principalmente à atividade artística e à investigação intelectual.

Os desejos originais são aqui entendidos como pulsão, definida pela psicanálise, segundo Laplanche e Pontalis (2022, p. 394), como um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); muitas vezes, esses desejos são reprimidos pelo inconsciente como forma de proteção, já que, em sua maioria, estão relacionados a impulsos libidinais e destrutividade. Quando uma experiência, sentimento aflitivo ou sua representação se depara com a autocensura, ou por outra, é colocado defronte à realidade e passível de julgamentos, e o sujeito faz uso dos mecanismos de defesa. Entre eles, destaca-se o mecanismo de sublimação.

Freud, ao longo de toda a sua obra, recorre à noção de sublimação para tentar explicar, de um ponto de vista econômico e dinâmico, certos tipos de atividades alimentadas por um desejo que não visa, de forma manifesta, a um objetivo sexual: por exemplo, a criação artística, a investigação intelectual e, em geral, atividades a que uma dada sociedade confere grande valor. É numa transformação das pulsões sexuais que Freud procura a causa última desses comportamentos. “A pulsão sexual põe à disposição do

trabalho cultural quantidade de força extraordinariamente grandes, e isto graças à particularidade, especialmente acentuada nela, de poder deslocar a sua capacidade de trocar a meta sexual originária por outra meta, que já não é sexual, mas psiquicamente se aparenta com ela, capacidade de sublimação”. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2022, p. 495).

É através do mecanismo de defesa de sublimação que o autor aprofunda seus estudos sobre as funções da arte para os sujeitos e para a sociedade, apontando a arte como uma das possibilidades para que os sujeitos possam extravasar o que está recaiado em seu inconsciente, ou ainda exteriorizar pensamentos e sentimentos que se encontram na transição entre o consciente e inconsciente; por vezes, inacessíveis pelos meios convencionais.

Vygotsky (1999, p. 82) corrobora esse entendimento, pontuando a relação dinâmica, viva e permanente entre ambas as esferas da nossa consciência, o consciente e o inconsciente. O fundamento da arte é sempre constituído de atrações e desejos inconscientes recaiados, ou seja, que não se combinam com as nossas exigências morais, culturais etc. É precisamente por isso que, com auxílio da arte, os desejos proibidos conseguem ser saciados no prazer propiciado pela forma artística (1999, p. 88). Vygotsky (1999) enfatiza a arte como meio de expressão da linguagem e a posiciona como um meio de extravasamento de sentimentos e energia que não conseguem ser manifestados de outra forma, possibilitando o alívio das tensões cotidianas do sujeito. Esse processo ocorre sempre por via indireta, dado que “a arte nunca gera de si mesma uma ação prática, apenas prepara o organismo para tal ação” (p. 314).

A arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, formula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que, sem ela, teriam permanecido em estado indefinido e imóvel. Ela “pronuncia a palavra que estávamos buscando, faz soar a corda que continuava esticada e muda”. (VYGOTSKY, 1999, p. 316).

Vygotsky (1999) também concebe a arte como um fenômeno social — a forma como o sujeito se comunica e se conecta dentro de uma cultura — e enfatiza a capacidade da arte de evocar e transformar emoções individuais em expressões universais, mediando a experiência individual e a cultura coletiva. Além disso, aponta a arte como ferramenta para o desenvolvimento da capacidade de simbolização, do pensamento abstrato e criativo.

A arte está para a vida como o vinho para a uva — disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material. Verifica-se, deste modo, que o sentimento é inicialmente individual, e, através da obra de arte, torna-se social ou generaliza-se. (VYGOTSKY, 1999, p. 308).

À vista disso, o autor teve grandes contribuições no campo das emoções e em como, na trajetória da educação escolar, o sujeito constrói suas formas de perceber e lidar com o mundo enquanto ser relacional num contexto de causa e efeito sistematizado, apontando as funções fisiológicas e sociais das emoções e sentimentos a partir de estímulos recebidos no ambiente escolar.

Tudo nos permite afirmar que a emoção é de fato um sistema de reações relacionado de modo reflexo a esses ou aqueles estímulos. O esquema das emoções gêmeas coincide integralmente com o esquema de comportamento e experiência consciente

de que estamos sempre partindo. O sentimento não surge por si só em estado normal. É sempre antecedido desse ou daquele estímulo, dessa ou daquela causa, seja ela externa ou interna (A). O que nos faz ter medo ou sentir alegria é o estímulo de onde começa a resposta. Depois, seguem-se várias reações reflexas, motoras, somáticas e secretórias (C). Por último, a reação circular, o retorno das próprias reações ao organismo como novos estímulos, a percepção da segunda ordem do campo proprioceptivo que representam o que antes é denominado a própria emoção (B). (VYGOTSKY, 2001, p. 131).

Vygotsky (2001) aponta para a importância do entendimento sobre o funcionamento da reação emocional e em como, a partir das reações, se formam os sentimentos e, conseqüentemente, o comportamento: “Toda emoção é um chamamento à ação ou uma renúncia a ela. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente ou infrutífero no comportamento” (p. 139). O autor discorre, ainda, sobre o estabelecimento de estímulos e vínculos e em como o ambiente escolar pode ser propício para esse desenvolvimento.

Da mesma forma, para Jung (2013), a arte é uma produção impessoal dos conflitos internos do artista, expressando, assim, a sua capacidade de integração dos conteúdos inconscientes. Ela é, fundamentalmente, uma projeção do espírito na matéria: para Jung (2013), a arte tem a função de intermediação dos símbolos inconscientes. Pode-se perceber, portanto, que a arte tem uma função terapêutica de acordo com a abordagem psicanalítica, proporcionando ao sujeito não apenas a capacidade de retratar a realidade, mas também de reinventá-la conforme suas próprias necessidades e desejos internos. Por meio da arte, o sujeito pode transcender o que vive em seu cotidiano e explorar novas percepções e emoções.

A arte, nele, é inata como um instinto que se apodera, fazendo-o seu instrumento. Em última instância, o que nele quer não é ele mesmo enquanto homem pessoal, mas a obra de arte. Enquanto pessoa, tem seus humores, caprichos e metas egoístas; mas enquanto artista ele é, no mais alto sentido, “homem”, e homem coletivo, portador e plasmador da alma inconsciente e ativa da humanidade. (JUNG, 2013, p. 98).

O contato com a arte, tanto no fazer artístico quanto em sua apreciação, pode proporcionar um estado mental de concentração e relaxamento, propiciando uma forma de manifestar o movimento interno do adolescente. Mente e sentidos ficam, por alguns momentos, presos na experiência de união entre o ser e o ambiente; atenção e intuição se fundem, proporcionando um vivo e vigoroso estado mental, e a intensidade da concentração e do envolvimento pode variar para cada pessoa e de acordo com o estímulo.

Os efeitos percebidos após entrar em contato com esse tipo de experiência faz com que nos sintamos despertos, vivos e, muitas vezes, o esforço empregado no fazer se torna prazer e facilidade. Absorvidos nesse processo, nós nos esquecemos do tempo e do lugar onde estamos, e a isso muitos chamam estado criativo. Em algumas culturas, esse estado pode ser comparado à satisfação obtida por meio de estados meditativos.

Num contraponto, o fazer artístico, em seu processo de criação, também é inquietude, em que o sujeito tem de lidar com suas expectativas e a realidade do seu fazer, seja no manusear dos materiais, seja na produção artística. Vygotsky (1999) pontua sobre essa dinâmica mútua que vai da fonte de prazer à fonte angustiante:

O prazer propiciado pela criação artística atinge ponto culminante quando ficamos quase sufocados de tensão, com o cabelo em pé de medo, quando lágrimas rolam

involuntariamente de compaixão e simpatia [...]. Tudo isso são relações que evitamos na vida estranhamente procuramos na arte. (VYGOTSKY, 1999, p. 83).

Parte desse contraste entre prazer e desprazer pode emergir da ideia de que o resultado da criação pode estar abaixo daquilo que o sujeito considera como bom ou excelente. Essa régua que nivela e divide o que é arte e o que não é arte, o que é bonito ou bom daquilo que é feio ou estranho, é construída desde a infância e perpassa todo o desenvolvimento humano, interage com a cultura e os modelos vividos e experimentados pelo sujeito. Assim como toda vivência humana, a arte traz, em si, essa consumição, colocando o sujeito num processo de reflexão. Contudo, é inegável que a movimentação sensorial proporcionada pela imersão na arte seja lugar de desenvolvimento humano.

Logo, pode-se compreender que há um consenso entre alguns pesquisadores sobre a natureza subjetiva e multidimensional do construto teórico da relação da arte com a psicologia. Nesse sentido, a arte pode apresentar capacidade de ir além das barreiras da linguagem verbal e da lógica e permitir acesso às emoções, expressando-as e permitindo a sua compreensão a partir de diferentes vertentes. Gera, nos indivíduos, capacidade de conexão com sentimentos íntimos, torna-se uma maneira segura e não verbal de explorar emoções e traumas, compreender-se melhor e, com isso, obter uma redução de sofrimento ou sintomas que possam gerar adoecimentos.

CONSTRUÇÃO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

É na infância que se inicia o aprendizado artístico e o desenvolvimento da sensibilidade, a criança entra em contato com os hábitos e preferências familiares, passa a observar o ambiente que a cerca, como são as cores e disposições dos móveis e objetos em casa, na música que se ouve, nas imagens que vê. Tudo isso faz parte do universo cultural do meio no qual vivemos e crescemos. Aprendemos a valorizar determinados tipos de expressão pelas quais nos comunicamos e isso tudo é formado a partir dos aspectos culturais em que estamos inseridos, envolvendo hábitos e costumes não só familiares, mas também da região habitada.

No decorrer da infância somos apresentados aos primeiros suportes artísticos, como papel e lápis, massas de modelar, instrumentos que produzem sons, dentre outros, e aos poucos vai-se ampliando essas referências, entretanto é na fase escolar que se pode explorar ainda mais esses suportes e referências artísticas, ampliados através da convivência com os amigos e professores. Esse processo auxilia no desenvolvimento da personalidade e nas diversas habilidades emocionais necessárias para a convivência em grupo.

Partindo da premissa sociointeracionista de que o desenvolvimento humano se dá a partir de suas relações sociais, sofrendo e provocando diversas ações e sensações nas convivências com seus pares, o aluno pode desenvolver habilidades socioemocionais tendo como suporte o processo artístico.

Vygotsky (2001 p.139) enfatiza o papel da arte no desenvolvimento das habilidades emocionais e imaginativas superiores dos humanos. Ele sustenta que a arte não apenas transmite emoções humanas, mas também funciona como um meio psicológico que facilita a socialização e internalização de sentimentos complexos.

Na adolescência, a função psicológica superior que ganha destaque é o pensamento. As demais funções se unem a ele e resultam em uma síntese, ganhando novas qualidades, reorganizando-se sobre a base do pensamento, por tanto, intelectualizando-se (VYGOTSKY, 2001).

Nessa fase da vida é muito comum que habilidades antes latentes na infância sejam deixadas de lado, frente às novas demandas como focar nos estudos ou em ingresso no mercado de trabalho, entretanto muitas vezes o fazer artístico é deixado de lado por conta da autocrítica que envolve medo do julgamento e percepção do que é bonito ou feio.

A maioria das pessoas, por insegurança ou timidez, acabam guardando suas manifestações artísticas a sete chaves, sejam poemas, músicas ou desenhos, principalmente na fase adolescente em que lidar com o julgamento e exposição pode ser bem desafiador. Nessa fase especialmente, alguns podem abandonar as manifestações artísticas empurrados pela necessidade de trabalho e ganho, deixando sua criatividade e vocação esquecidas em algum canto de sua vida, guardadas talvez para quando se aposentar.

Na infância, a frustração de uma opinião dos pais, colegas ou professores pode fazer com que se abandone o desenho ou a pintura, como no exemplo do personagem Pequeno Príncipe, que se frustra ao ver que ninguém compreendia seu desenho de uma cobra que engole um elefante, para cada um que mostrava sua obra obtinha respostas diferentes, alguns apontavam o desenho de um chapéu ou de uma montanha. E nessa história o menino passa a deixar de desenhar, envergonhando-se por pensar não saber se expressar de modo que as pessoas entendam.

A escola pode ser local de desconstrução desse pensamento a medida em que fomenta a discussão sobre a arte, o papel que ela representa para o ser humano e todas as suas potencialidades enquanto instrumento de desenvolvimento humano.

Além disso, a arte permite que os jovens explorem diferentes aspectos de sua identidade, uma vez que as produções artísticas frequentemente refletem questões pessoais, sociais e culturais. Em uma sociedade cada vez mais diversificada e plural, o contato com diferentes formas de arte estimula o reconhecimento da própria singularidade e da diversidade alheia, contribuindo para uma maior aceitação das próprias particularidades e das dos outros.

Neste processo, que não é estático, mas possível de transformação por meio de suas diversas possibilidades pedagógicas, em que se torna intrínseco as experiências de cada indivíduo e diante da interação em grupo afetam diretamente a construção da identidade do ser humano. A construção de identidade é abordada por Ciampa (2001) como passível de construção e reconstrução contínua da identidade ao longo da vida, conceito que pode ser aplicado em diferentes contextos, inclusive no desenvolvimento de habilidades socioemocionais de adolescentes.

Segundo Ciampa (2001) o processo de identificação dos sujeitos é dinâmico, moldado pelas interações sociais, condições históricas e culturais. O conceito construção da identidade pode ser interpretado na perspectiva do autor como o modo de "ser e estar sendo", em que o indivíduo é continuamente chamado a desempenhar diferentes papéis e identidades impostas pelas estruturas sociais, enquanto simultaneamente resiste e reconstrói essas identidades de maneira singular.

A identidade é sempre uma metamorfose: ao mesmo tempo que é continuidade, é descontinuidade; ao mesmo tempo que é permanência, e transformação; ao mesmo tempo que é unidade, e multiplicidade. Identidade é o que verdadeiramente se pode chamar de contradição em processo: é ser e estar sendo. (...) Ao mesmo tempo que sou o que fui, não sou mais o que era e, não sendo mais o que era, continuo a ser o que sou. (CIAMPA, 2001, p. 106).

Essa construção é marcada por contradições, conflitos e, muitas vezes, rupturas, uma vez que o sujeito está sempre transitando entre o "mesmo" e o "outro". A arte, nesse sentido, pode ser vista como uma poderosa ferramenta de expressão e negociação dessas múltiplas identidades, oferecendo ao indivíduo um meio de representar, refletir e transformar suas experiências subjetivas. Dessa forma, a identidade, para Ciampa (2001), é um processo aberto, em constante construção e reconstrução, que reflete a complexidade das relações entre o sujeito e a sociedade.

No ambiente escolar o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, pode ser amplamente estimulado pela prática artística. Em atividades que envolvem trabalho em grupo, os adolescentes podem aprender a ouvir seus pares, a respeitar diferentes pontos de vista e a trabalhar juntos em prol de um objetivo comum. Essas experiências são essenciais para que desenvolvam a capacidade de colaborar de forma eficaz e de se colocar no lugar do outro, habilidades que são fundamentais para a convivência em sociedade.

A empatia, por exemplo, pode ser diretamente estimulada quando os estudantes entram em contato com obras de arte que retratam experiências de vida distintas das suas. Ao interpretar uma pintura ou escultura que expressa dor, alegria, angústia ou superação, os jovens são levados a refletir sobre essas emoções em diferentes contextos, ampliando sua compreensão emocional e social. Isso promove uma conexão mais profunda com o outro, o que pode auxiliar no combater comportamentos de intolerância e bullying, muitas vezes presentes nessa fase.

A resiliência, por sua vez, pode ser trabalhada à medida que os adolescentes enfrentam desafios criativos em suas produções artísticas. O processo de criação, que muitas vezes envolve erros e tentativas, ensina os jovens a persistirem diante das dificuldades, desenvolvendo uma atitude mais positiva frente aos fracassos. A arte mostra que errar faz parte do processo de aprendizado, uma lição valiosa tanto no âmbito pessoal quanto acadêmico.

Ao criar ou analisar obras de arte, os adolescentes podem ser incentivados a refletir sobre suas próprias emoções e comportamentos. A autorreflexão promovida pela arte auxilia no desenvolvimento da inteligência emocional, permitindo que os jovens reconheçam suas próprias emoções e aprendam a regulá-las de maneira mais eficaz.

Atividades como desenhar, pintar, escrever, dançar, fotografar ou atuar proporcionam momentos de introspecção que são essenciais para o entendimento dos próprios sentimentos. A arte pode torna-se, uma forma de meditação ativa, em que o adolescente tem a oportunidade de canalizar suas energias e emoções de maneira construtiva. Essa prática regular de reflexão criativa contribui para a redução da ansiedade e do estresse, problemas que podem afetar os adolescentes.

Costa (2004) apronta que a cada momento em contato com a arte nos tornamos mais aptos à captação da beleza do mundo e de seus significados. Nesse sentido, a construção de habilidades emocionais perpassa por cada sensação que resulta do contato com as diversas linguagens da arte, os sentidos se renovam e se apuram num processo infindável de recriação da percepção de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Despertar a intuição artística, desenvolver as suas formas de expressão e ampliar a capacidade de absorvê-la está relacionado intimamente com o despertar da expressividade e subjetividade humana. Uma das propostas deste estudo foi tratar da arte mostrando como ela está ligada à nossa maneira de ver o mundo, vivê-lo e compartilhá-lo.

As informações e o conhecimento artístico desenvolvem a percepção de mundo, direcionam o olhar e preparam a sensibilidade, o que permite explorar todos os sentidos de uma obra artística, o professor nesse sentido é o mediador que auxilia no aprimoramento da sensibilidade dos alunos em relação às diversas linguagens da arte.

Atualmente a arte é reconhecida não apenas como um espelho da subjetividade, mas como uma força ativa na sua construção. Pesquisas contemporâneas nas áreas da psicologia, sociologia e neurociência têm demonstrado como o ato de criar ou experienciar arte pode influenciar a autopercepção, estimular a autorreflexão e moldar a identidade.

Nesse sentido, pode-se dizer que nos tornamos mais humanos na medida em que nos tornamos mais artistas, desenvolvendo habilidades socioemocionais, fortalecendo a identidade e o modo de ver e estar no mundo.

O uso da arte como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais em adolescentes no ambiente escolar tem se mostrado cada vez mais relevante no contexto educacional contemporâneo. A adolescência é uma fase fundamental para a formação da identidade, em que os jovens buscam compreender suas emoções, valores e a forma como se relacionam com o mundo ao seu redor.

Nesse processo, a arte pode desempenhar um papel importante, não apenas como meios de expressão, mas também como veículo para o desenvolvimento de competências socioemocionais essenciais, como a empatia, a autocompreensão e a gestão das emoções.

O uso da arte na sala de aula transcende o simples ato de produzir ou apreciar uma obra. A arte se revela uma ferramenta poderosa no desenvolvimento de habilidades socioemocionais em adolescentes, contribuindo para a formação de indivíduos mais empáticos, resilientes e conscientes de suas emoções e da sua identidade. Ao integrar a arte ao cotidiano escolar, pode-se proporcionar um ambiente propício para o crescimento pessoal e social, onde os jovens podem não apenas se expressar, mas também se descobrir e se transformar, preparando-se para os desafios emocionais e sociais da vida adulta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, A. Reflexões sobre a Arte. Ática: São Paulo, 2001.
- COSTA, C. Questões de Arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico. Ed. Moderna: São Paulo, 2004.
- CIAMPA, S. J. Identidade e processo de Identificação: em defesa de uma nova epistemologia para a Psicologia Social. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREUD, S. Interesse científico da psicanálise. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977 (Trabalho original publicado em 1913).
- GOMBRICH, E. H. A História da Arte. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- GOMES, C. M. A. Feuerstein e a construção mediada do conhecimento. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- JUNG, C. G. O espírito na arte e na ciência. Vol. 15. São Paulo: Vozes, 2013.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- NUNES, B. Introdução à Filosofia da Arte. Ática: São Paulo, 2003.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- REIS, A. C. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 142-157, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- VYGOTSKY, L. S. Psicologia da arte. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VYGOTSKY, L. S. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

O LÚDICO E A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
PLAY AND ART IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION
EL LÚDICO Y EL ARTE EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

Jessica Angelique Ferreira de Carvalho
angeliqueferreiradecarvalho.je@gmail.com

CARVALHO, Jessica Angelique Ferreira de. **O lúdico e a arte na educação infantil**. Revista International Integralize Scientific, Ed. n.40, p. 18 – 23 , Outubro/2024. ISSN/2675 – 5203

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

RESUMO

O lúdico e a arte desempenham papéis essenciais na educação infantil, proporcionando um ambiente propício ao desenvolvimento integral das crianças. As atividades lúdicas estimulam a criatividade, a socialização e o aprendizado, enquanto a arte permite expressão individual, explorando sensibilidades e habilidades motoras. Juntos, esses elementos contribuem para um processo educacional mais enriquecedor e adaptado às características da infância. Na educação infantil, a integração do lúdico e da arte desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. O lúdico, por meio de brincadeiras e jogos, estimula a criatividade, a socialização e o raciocínio, proporcionando um ambiente educativo mais dinâmico e participativo. Já a arte, seja por meio da pintura, música ou escultura, permite às crianças expressarem-se de forma única, explorando sua imaginação e sensibilidade. Essas experiências combinadas contribuem para o desenvolvimento integral, promovendo habilidades motoras, emocionais e sociais. O educador desempenha um papel crucial ao criar atividades que integrem o lúdico e a arte, proporcionando um aprendizado mais significativo e prazeroso para as crianças em suas primeiras experiências educacionais.

Palavras-chave: Educação infantil. Lúdico. Arte.

SUMMARY

Play and art play essential roles in early childhood education, providing an environment conducive to the integral development of children. Playful activities stimulate creativity, socialization, and learning, while art allows individual expression, exploring sensitivities and motor skills. Together, these elements contribute to a more enriching educational process adapted to the characteristics of childhood. In early childhood education, the integration of play and art plays a fundamental role in the cognitive and emotional development of children. Play, through fun and games, stimulates creativity, socialization, and reasoning, providing a more dynamic and participatory educational environment. Art, whether through painting, music, or sculpture, allows children to express themselves in a unique way, exploring their imagination and sensitivity. These combined experiences contribute to integral development, promoting motor, emotional, and social skills. The educator plays a crucial role in creating activities that integrate play and art, providing more meaningful and enjoyable learning for children in their first educational experiences.

Keywords: Early childhood education. Playful. Art.

RESUMEN

El juego y el arte desempeñan papeles esenciales en la educación infantil, proporcionando un ambiente propicio para el desarrollo integral de los niños. Las actividades lúdicas estimulan la creatividad, la socialización y el aprendizaje, mientras que el arte permite la expresión individual, explorando las sensibilidades y las habilidades motoras. En conjunto, estos elementos contribuyen a un proceso educativo más enriquecedor y adaptado a las características de la infancia. En educación infantil, la integración del juego y el arte juega un papel fundamental en el desarrollo cognitivo y emocional de los niños. El entretenimiento, a través de la diversión y el juego, estimula la creatividad, la socialización y el razonamiento, proporcionando un ambiente educativo más dinámico y participativo. El arte, ya sea a través de la pintura, la música o la escultura, permite a los niños expresarse de una manera única, explorando su imaginación y sensibilidad. Estas experiencias combinadas contribuyen al desarrollo integral, promoviendo habilidades motrices, emocionales y sociales. El educador juega un papel crucial en la creación de actividades que integren el juego y el arte, proporcionando un aprendizaje más significativo y agradable para los niños en sus primeras experiencias educativas.

Palabras clave: Educación infantil. Juguetón. Arte.

INTRODUÇÃO

Antigamente os jogos e as brincadeiras eram tratados apenas como um passatempo para as crianças, sendo feitos sem qualquer significado pedagógico, existiam apenas para distração. No início do século XX, algumas instituições de ensino, a partir de teorias pedagógicas, influenciadas por Froebel, Claparède, Dewey, Decroly e Montessori, desenvolveram os jogos e brinquedos na educação infantil e com o passar do tempo foi se tornando mais claro a possibilidade de utilizá-los para desenvolver a aprendizagem de forma lúdica, acreditando que eles não são apenas uma forma de entretenimento para gastar a energia das crianças, mas um meio que contribui e enriquece o desenvolvimento intelectual. A teoria piagetiana adota a brincadeira como uma conduta livre, onde a criança expressa a sua vontade com o prazer que a brincadeira lhe dá.

A importância do brincar para o desenvolvimento infantil está inserida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois através dele é estimulado o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, psíquico e físico, além de ser um dos seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Brincar de diferentes formas, em diferentes lugares, com diferentes pessoas, ampliando seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Este assunto tem conquistado seu espaço no cenário nacional, principalmente na educação infantil e acreditando nesse direito será realizada uma pesquisa cujo tema é “O Lúdico na Educação Infantil” com o objetivo de tratar a importância da Atividade Lúdica (jogos, brinquedos e brincadeiras) no processo de aprendizagem da Educação Infantil, visando disseminar informações obtidas por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre teóricos que defendem a ludicidade e brincadeiras na educação infantil.

A escola atual é, na sua grande maioria, privada em muito a criança da sua originalidade e autonomia. Acredita-se que a criança deva ser orientada de forma efetiva durante o seu desenvolvimento escolar. Depois de tantos avanços teóricos, descobertas em tecnologia educacional e a derrubada de métodos obsoletos, o ambiente escolar ainda reprime as ações da criança. Nesse contexto, pouco ou nada se usa da contribuição artística para o desenvolvimento escolar da criança.

Conforme Barbosa (2010), a visão de arte no ensino fundamental deve ser revista e ressignificada, pois, o desenvolvimento das habilidades artísticas é uma das maiores fontes de satisfação pessoal para as crianças, além de contribuir para elevar a sua autoestima e para construção dos valores essenciais de convivência em sociedade.

É por meio da arte que as crianças desenvolvem o conhecimento em diferentes produções artísticas e, sendo assim, deve ser estimulada por meio de atividades lúdicas que ampliem a livre expressão da criança.

Nesse sentido, o papel do professor de ensino fundamental torna-se fundamental, devendo ser o mediador entre o aluno e o conhecimento, ajudando-o a refletir sobre a Arte de maneira criativa, reflexiva e construtiva (BUENO, 2008).

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo discutir a importância das Artes Visuais no ensino fundamental, refletindo sobre o fazer pedagógico do professor e abrindo possibilidades para resignificação do ensino dessa área de conhecimento que, muitas vezes, é entendida como secundária no contexto da sala de aula. Assim, pretende-se afirmar a importância da arte no ensino fundamental, desmistificando a mesma como mero passatempo.

Quanto aos aspectos metodológicos, foi realizado um trabalho de revisão bibliográfica sobre o tema em questão, buscando levantar um referencial teórico que fornecesse subsídios à pesquisa.

O PAPEL DA LUDICIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A ludicidade sempre esteve presente na vida das crianças, contribuindo para seus processos de desenvolvimentos. Dessa forma, buscou-se entendimento de significados, as possibilidades de jogos e partiu-se de uma definição de termos de jogos, brincadeiras e brinquedos, para compreender melhor seus benefícios. E em diferentes fases do desenvolvimento da criança foram observados o brinquedo e suas qualidades, na tentativa de compreender a atividade lúdica infantil.

E dentre esses fatores ressaltam-se, os benefícios do papel da ludicidade no desenvolvimento da criança, que atende as necessidades e destacam que, o contato com a variedade de brinquedos e brincadeiras, estimulam a ação, a representação e a imaginação, proporcionando aprendizagem e criatividade.

Vygotsky (1984) atribui relevante papel ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil. É brincando, jogando, que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor e seu modo de aprender e interagir com o meio em que está inserido.

A criança por meio da brincadeira, reproduz o discurso externo e internaliza, construindo seu próprio pensamento. A linguagem, segundo Vygotsky (1984), tem importante papel no desenvolvimento cognitivo da criança à medida que sistematiza suas experiências e colabora na organização dos processos em andamento. De acordo com Vygotsky (1984, p.97).

A brincadeira cria para as crianças uma zona de desenvolvimento proximal que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz. Vygotsky (1984, p.97).

Por meio das atividades lúdicas, a criança reproduz situações vividas em seu dia a dia, pela imaginação e pelo faz-de-conta. Esta representação se dá por meio das combinações entre experiências passadas e novas possibilidades de interpretações e reproduções do real, de acordo com suas necessidades e desejos. Estas ações são fundamentais para seu desenvolvimento.

Para Vygotsky (1984) e Piaget (1975), o desenvolvimento evolui e a imaginação se desenvolve. Uma vez que a criança brinca e desenvolve a capacidade para um determinado tipo de conhecimento, ela não perde essa capacidade. É com a formação de conceitos que se dá a verdadeira aprendizagem e é no brincar que está um dos maiores espaços para a formação de conceitos. Negrine (1994,p.19) sustenta que

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade. Sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz da criança. Negrine (1994,p.19)

Brincar é aprender, e o jogar proporciona o ato de pensar e a junção do brincar e jogar desperta o raciocínio, desenvolvendo o pensamento, habilidades, conhecimentos e criatividade, estabelecendo contatos sociais, compreendendo o meio, satisfazendo desejos, desenvolvendo habilidades, conhecimentos e criatividade.

DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento do artigo sobre a ludicidade e a arte na educação infantil pode abordar diversos aspectos. Inicialmente, é importante contextualizar a importância da Educação Infantil como fase crucial no desenvolvimento das crianças. Em seguida, explique o conceito de ludicidade, destacando como atividades lúdicas e jogos contribuem para o aprendizado e socialização.

Ao discutir a arte, destaque as diferentes formas de expressão artística utilizadas na Educação Infantil, como desenho, música, dança e pintura. Aponte como essas atividades estimulam a criatividade, a auto expressão e o desenvolvimento sensorial das crianças.

Explore também a interseção entre o lúdico e a arte, mostrando como as atividades artísticas podem ser incorporadas de maneira lúdica, tornando o processo educativo mais envolvente. Cite exemplos práticos de atividades que integram ambas as abordagens.

Destaque o papel do educador na promoção dessas práticas, ressaltando a importância de um ambiente educativo que estimule a ludicidade e a expressão artística. Conclui reforçando como a combinação desses elementos na Educação Infantil contribui para o desenvolvimento holístico das crianças, preparando-as para etapas educacionais subsequentes.

Podemos observar que, não necessariamente precisamos de coisas para brincar com as crianças, mas temos que ter disposição e estar disponível a criar, recriar e realizar diversas brincadeiras com elas, pois é através dessa brincadeira que a criança inicia um processo de desenvolvimento da inteligência, e aprende de forma prazerosa e progressivamente representa simbolicamente sua realidade. Muitas crianças não sabem expor seus sentimentos, suas reclamações, e é através do brincar que isso é estimulado.

Brincando, a criança desenvolve o corpo e seus ritmos, o relacionamento com as pessoas e os seus limites, a imaginação e o pensamento poético. Alimentado cotidianamente pela brincadeira, o pensamento da criança encontra soluções inovadoras para velhos desafios, relaciona e mistura coisas e fontes diversas, sacode as dificuldades com humor e irreverência. (ANDRADE MARQUES, 2003, P.41). Kishimoto nos fala que: (2008, p.63), o lúdico é um instrumento de desenvolvimento da linguagem e do imaginário, vinculado aos tempos atuais como “ um meio de expressão de qualidades espontâneas ou naturais da criança, um momento adequado para observar esse indivíduo que expressa através dele sua natureza psicológica e suas inclinações”.

A escritora Beatrice Alemagna nos fala em seu livro, “ O que é uma criança” da Editora WMF Martins Fontes, que, uma criança tem mãos pequenas, pés pequenos e orelhas pequenas, mas nem por isso tem idéias pequenas”, por ao contrário se pararmos para observar uma criança brincando ficamos perplexos com tanta criatividade, elas tornam o objeto mais simples em um brinquedo fundamental em suas vidas. Ao passar dos anos, quando chegam à fase escolar, essa imaginação fica ainda mais aguçada, ficam ainda mais criativas.

Carvalho (1992, p.28) nos fala que:

[...] o ensino absorvido de maneira lúdica, passa a adquirir um aspecto significativo e afetivo no curso do desenvolvimento da inteligência da criança, já que ela se modifica de ato puramente transmissor a ato transformador em ludicidade, denotando-se portanto em jogo.

Spodek e Saracho (1998), distingue dois modos de intervenção por parte do educador durante a brincadeira, o participativo e o dirigido. No modo participativo a interação do educador visa a aprendizagem incidental durante a brincadeira. As crianças acham um problema e o educador, como que um membro a mais no jogo, tenta junto com o grupo encontrar a solução, estimulando estas a utilizarem a imaginação e a criatividade. No dirigido o educador aproveita a brincadeira para inserir a aprendizagem de conteúdos escolares e dirigir as atividades para situações não lúdicas, causando uma desvalorização do brincar, que deixa de ser espontâneo, impedindo o desenvolvimento da criatividade.

Santos (2002, p.12) nos relata que o lúdico é

“[...] uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento.”

Dessa forma nota-se que o lúdico é extremamente importante para a criança, trazendo benefícios para sua vida, contribuindo para uma saúde física e mental, facilitando a socialização, comunicação e construção do conhecimento, as crianças precisam ser estimuladas a vivenciar brincadeiras e jogos, mediante um processo organizado, respeitando cada etapa do seu desenvolvimento, com isso surge a oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis para a sua futura vida pessoal, profissional e social.

Consideramos a ludicidade uma forma do ser humano poder ter diversão e também um aprendizado e um desenvolvimento muito eficaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora, 1994.

BORBA, Ângela. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, Ministério da Educação (org). Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/ SEB, 2007. p 33-44.

BRASIL. A ludicidade na educação. IBPEX. Ministério da Educação. Fundação Joaquim Nabuco. V Valinhos- SP. 2010.

- BRASIL. Ministério da Educação. Legislação. Lei de diretrizes e bases da Educação Nacional. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CEB nº 22 de 1998*.
- CORREA, Bianca Cristina. Crianças aos seis anos no ensino fundamental: desafios à garantia de direitos. In: 30ª Reunião Anual da ANPED, 2008, Caxambu. 30 anos de pesquisa e compromisso social. Anped, 2008.
- KISHIMOTO, T. M. Et al. Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. São Paulo: Cortez, 2000/2008.
- MACEDO, L., PASSOS, N. C., PETTY, A. L. S. Jogos e o Lúdico na Aprendizagem Escolar. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referenciais curriculares nacionais para a educação infantil. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Ministério da Educação (org). Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/ SEB, 2007.
- MOYLES, J.R. A excelência do brincar. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MUNICÍPIO. Secretaria Municipal de Educação. Referencial curricular da educação básica das escolas municipais de [...]. Município: SME, 2008. 322 p.
- PIAGET, J.- A formação do símbolo na criança: imitação, jogo, imagem e representação. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1976
- NEGRINE, Airton. Aprendizagem e desenvolvimento infantil. Porto Alegre: Propil, 1994.
- RAU, Maria Cristina Trois Dorneles – A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica – 2. Ed., Curitiba; Ibpex, 2011.
- SANTOS, S.M.P. dos (Org). O lúdico na formação do educador. Petrópolis: Vozes, 1997.
- Revista científica: Scielo e Pepsic – Artigo publicado por CORDAZZO, Sheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. - Rio de Janeiro – junho/2007.
- FERREIRA, Rosalina Gomes; Publicado em 27 de novembro de 2008.
- VYGOTSKY, L. S – A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: M. Fontes, 1984

O PAPEL DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO ARTÍSTICO DOS FILHOS
THE ROLE OF PARENTS IN THE ARTISTIC DEVELOPMENT OF CHILDREN
EL PAPEL DE LOS PADRES EN EL DESARROLLO ARTÍSTICO DE LOS HIJOS

Regina Célia Gossler de Paula
galega.rc@hotmail.com

PAULA, Regina Celia Gossler de. **Obesidade infantil na educação física escolar**. Revista International Integrate Scientific, Ed. n.40, p. 24 – 32 , Outubro/2024. ISSN/2675 – 5203

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a importância da família, particularmente dos pais, no desenvolvimento artístico de seus filhos. Por meio de revisão bibliográfica, ficou claro o papel da família como fator primordial na formação da autoestima e aprendizagem da criança, permitindo-lhes que se desenvolvam como sujeitos capazes de ajudar na edificação de um mundo mais livre e democrático. Quando estimuladas desde pequenas, as crianças são capazes de, na idade adulta, tornarem-se agentes transformadores da realidade na qual estão inseridos. O ensino das artes precisa ser revisto, com pais e educadores conscientes da necessidade da arte como parte fundamental da educação, para que assim, possam conscientizar as crianças dessa necessidade. A formação de uma criança não pode fundamentar-se somente nas disciplinas oferecidas pela escola. As artes são recursos importantes para o desenvolvimento da sensibilidade e de uma posição crítica em relação ao mundo. Os pais precisam se conscientizar de que a cultura é uma ferramenta de educação para os filhos, e que compartilhar esses momentos com as crianças, além de ser divertido, é muito importante para fortalecer os laços familiares.

Palavras-Chave: Família. Arte. Educação infantil. Desenvolvimento.

SUMMARY

This article aims to analyze the importance of the family, particularly parents, in the artistic development of their children. Through a bibliographical review, the role of the family as a primordial factor in the formation of children's self-esteem and learning became clear, allowing them to develop themselves as subjects able to help in building a freer and democratic world. When encouraged from an early age, children are able to, in adulthood, become transforming agents of the reality in which they are inserted. Arts teaching needs to be reviewed, with parents and educators aware of the need for art as a fundamental part of education, so that they can make children aware of this need. A child's education cannot be based solely on the subjects offered by the school. The arts are important resources for developing sensitivity and a critical position in relation to the world. Parents need to be aware that culture is an educational tool for children, and that sharing these moments with children, in addition to being fun, is very important to strengthen family bonds.

Keywords: Family. Art. Childhood education. Development.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la importancia de la familia, particularmente de los padres, en el desarrollo artístico de sus hijos. A través de una revisión bibliográfica, quedó claro el papel de la familia como factor primordial en la formación de la autoestima y el aprendizaje de los niños, permitiéndoles desarrollarse como sujetos capaces de ayudar en la construcción de un mundo más libre y democrático. Cuando son estimulados desde pequeños, los niños son capaces de, en la edad adulta, convertirse en agentes transformadores de la realidad en la que están insertos. La enseñanza de las artes necesita ser revisada, con padres y educadores conscientes de la necesidad del arte como parte fundamental de la educación, para que así puedan concienciar a los niños de esta necesidad. La formación de un niño no puede basarse únicamente en las asignaturas ofrecidas por la escuela. Las artes son recursos importantes para el desarrollo de la sensibilidad y una posición crítica en relación con el mundo. Los padres deben ser conscientes de que la cultura es una herramienta de educación para los hijos, y que compartir estos momentos con los niños, además de ser divertido, es muy importante para fortalecer los lazos familiares.

Palabras clave: Familia. Arte. Educación infantil. Desarrollo.

INTRODUÇÃO

O ser humano não é um simples expectador herdando experiência adquirida. Ele cria e recria, integra-se às condições de seu contexto, responde a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, salientando a necessidade de uma permanente atitude crítica; único modo pelo qual ele realizará a integração. Assim, identifica-se a necessidade de uma educação que o leve a uma nova postura frente aos problemas de seu tempo e de seu espaço, educação como um ato de amor, de criação, capaz de desencadear outros atos criadores (BOWLBY, 2006).

Neste conjunto é importante ressaltar dois fatores: o papel da família e da escola com relação à criança e o fato de que muitos obstáculos na aprendizagem das crianças têm suas bases em dificuldades afetivas (BOWLBY, 2006).

A família é uma instituição vital na vida da criança e dentro da educação não é diferente. Ela tem papel preponderante e decisivo no sucesso ou fracasso escolar do indivíduo. Mesmo que o professor se esforce para acolher bem o aluno e para criar um ambiente cheio de responsabilidades, competências, etc. é um ambiente muito diferente da casa da criança, e não se pode suprir a falta dos pais. É por isso, que se valoriza tanto a presença dos pais na educação dos filhos (VIEIRA NETA; SILVA, 2019).

A família também é muito importante para o desenvolvimento artístico dos filhos. Diversos especialistas, como Cardoso (2019) e Duarte (2019), afirmam que o incentivo dos pais é fundamental para que a criança desenvolva o gosto pelas artes.

Tanto na escola quanto em casa, o contato de crianças com as artes é muito importante e auxilia não apenas no desenvolvimento de habilidades manuais, sensibilidade e criatividade, como também colabora para melhor apreensão do conhecimento formal (DUARTE, 2019).

Segundo Duarte (2019), os primeiros anos de vida são os mais determinantes no desenvolvimento da criança. Durante essa fase, ela começa a estabelecer padrões de aprendizagem, atitudes e um sentido de si mesma como um ser.

Na visão de Romero (2019), a arte na escola pode ser caracterizada como uma ferramenta que oportuniza ao aluno o desenvolvimento de seu potencial criador e reflete sua convivência cultural, à medida que ao se relacionar com a arte, a criança internaliza e externaliza conhecimentos sobre o seu mundo.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o papel da família no processo de introdução da criança ao ensino escolar da arte.

A justificativa pela escolha do tema se deve em função da necessidade de desenvolvimento da arte no âmbito escolar e à grande resistência dos pais na inserção de seus filhos no mundo da arte.

A intenção é promover uma análise da interação significativa entre pais, professores e alunos, sobre o processo de ensino-aprendizagem da arte como um todo, contribuindo para a construção de horizontes que terão posteriormente impactos positivos em suas vidas.

Espera-se inserir a família no processo de ensino-aprendizagem do filho no que concerne às manifestações artísticas culturais, a fim de que os alunos tenham o apoio necessário para desenvolver a arte com mais liberdade.

Como metodologia foi utilizada a revisão bibliográfica, procurando obter um panorama sobre os trabalhos já realizados sobre o assunto em questão.

DESENVOLVIMENTO

A FAMÍLIA NA ESCOLA

De um modo geral, a família cumpre uma função vital na educação de uma criança, para o bem ou para o mal. Embora haja consenso sobre essa verdade elementar, a discussão acerca de como essa função deste ser desempenhada é historicamente inflamada e sempre reaberta.

A escola e a família vêm passando por profundas transformações no decorrer da história. Tais transformações acabam afetando a estrutura familiar e a dinâmica escolar de modo que a família, em virtude das circunstâncias, tem transferido para a escola algumas tarefas educativas que deveriam ser suas.

Mesmo que haja um esforço por parte do educador para acolher bem o educando, não consegue suprir a falta dos pais. Porém, esse ainda é um ponto deficitário dentro da educação brasileira, onde há não só a resistência dos pais, mas também das instituições em promover a participação dos mesmos (OLIVEIRA, 2001).

Conforme Oliveira (2001), a escola e a família são instituições sociais que têm a responsabilidade de educar e socializar o indivíduo, devendo andar lado a lado para construir um cidadão crítico e participativo, capaz de agir dentro da sociedade, buscando melhorias para a vida do grupo. A família é o grupo que fornece os primeiros processos de educação para a criança, inserindo-a a outros grupos sociais, permitindo-lhe acesso à cultura e dando a ela as primeiras regras e valores. Assim, aqueles que defendem a participação da família no ambiente escolar defendem essa questão de iniciadora do ensino, o que é fundamental no espaço escolar.

A família não é somente formadora de regras e valores, mas tem a função de observar e de conduzir os filhos para que não existam somente dentro do âmbito familiar, mas também em qualquer outro espaço e relação social que ele tenha. Além disso, não se pode desconsiderar que a família é quem tem o primeiro contato com o aluno, que através dela é possível compreender suas dificuldades de aprendizagem, suas necessidades e assim, configurar e adaptar a escola para a mesma (TIBA, 2002).

A escola como instituição busca através de seu ensino, que seus alunos possam assumir a responsabilidade para com o meio onde vivem.

À escola cabe, portanto, fornecer condições para que o aluno tenha acesso à cultura de seu meio e nesse processo, o acompanhamento da família é fundamental, principalmente quando a família tem maiores dificuldades de socializar seu filho, de auxiliá-lo a ser incluído e a escola pode ajudar nesse processo. É nesse sentido, que Gomide (2004) discute como a postura dos pais deve ser constantemente vigiada, no sentido de que a criança/aluno repete seus comportamentos. Assim, os pais não devem estabelecer regras impossíveis para depois quebrá-las, pois a criança perde o respeito pelas mesmas e passa a achar que pode infringi-las a todo o momento, seja em casa ou na escola.

Gomide (2004) afirma que as aprendizagens, os valores e as regras que a criança adquire em família também são repassados e vivenciados dentro da sociedade e da escola. Se a criança é bem educada e respeitosa dentro de casa, da mesma forma será na escola. O mesmo ocorre, ao contrário, se a criança é desrespeitosa com seus familiares, ela também será com seus professores e colegas.

Estas crianças não aprendem com seus pais a respeitar as instituições e as pessoas, por isso são “malcriadas” com as professoras, instrutoras ou colegas. Elas não aprendem que as regras devem ser estabelecidas com justiça e, logo, não sabem avaliar se uma determinada regra está adequada a uma dada situação devendo, portanto, ser cumprida (GOMIDE, 2004, p. 18).

Aqueles que são contra ou que buscam uma participação mais restrita dos pais dentro da escola, alegam que os pais que interferem demais na educação escolar do filho acabam querendo impor as regras de sua casa em sala de aula. Porém, não se pode desconsiderar que os pais conhecem melhor os filhos, que podem ajudar o professor a compreender melhor porque não aprendem, quais são suas limitações e dificuldades e dessa forma, permitir que a escola faça um trabalho mais eficiente.

Gomide (2004) pondera que as crianças que não são bem educadas e instruídas pelos pais não conseguem se socializar e interagir bem com as outras pessoas, pois acham que podem agir da mesma forma. Se os pais não estabelecem regras em casa, o aluno não respeita as regras da escola. Desde cedo, portanto, as regras devem estar presentes na vida do indivíduo e sempre serem passíveis de ser cumpridas. Sobre tal questão, Gomide esclarece que:

Em primeiro lugar, devemos considerar a importância de estabelecer regras em nossa relação com nossos filhos ou alunos. Sim, devemos estabelecer regras. Elas devem ser criadas para permitir um relacionamento adequado entre os membros da família, respeitoso em relação aos valores e hábitos daqueles que convivem em um determinado lugar. Deve-se, em linhas gerais, buscar o estabelecimento de poucas regras, que sejam flexíveis e realmente possam ser cumpridas (GOMIDE, 2004, p. 14).

Assim, a família é a instituição que dá as primeiras orientações à criança, ajuda com que a mesma construa valores, adquira noções de regras e precisa estar presente constantemente na sua formação, seja em casa ou fora dela.

Tiba (2002) observa que tanto a família como a escola necessitam ser acolhedores onde o indivíduo se sinta bem, livre e adquira valores e regras, permitindo seu desenvolvimento cognitivo, pessoal e social. Assim, pais e escola precisam ter princípios e objetivos próximos, para se ajudarem e beneficiarem o filho/aluno.

Os pais não podem querer que a educação parta somente deles, porque a escola é um espaço fundamental na vida dos indivíduos. Pais e professores, portanto, família e escola devem trabalhar juntos para o desenvolvimento educacional dos indivíduos, buscando compreender suas dificuldades.

Assim, é partindo do contexto familiar que o indivíduo inicia sua formação, adquirindo na escola outros valores, novas regras e conhecimentos que permitam sua formação e desenvolvimento pleno. Portanto, é preciso considerar tanto a importância da família como da escola. Segundo o art. 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes (BRASIL, 2019).

Essa convivência, seja da criança ou do adolescente com a família, garante-lhe maiores possibilidades de desenvolvimento, principalmente a partir do estímulo à sua afetividade e diante do fato de que ela se sente mais capaz, querida e protegida.

Assim, é importante fazer parte do âmbito familiar para adquirir amor, carinho, iniciar seu processo de socialização e também da escola, para adquirir conhecimento e seu processo de aculturação. Educar é, dessa forma, um processo amplo, que pode sim ser desenvolvido conjuntamente entre professores e pais, onde todos possam contribuir para a formação do indivíduo. O aluno que tem dificuldades de aprendizagem por causa de suas necessidades educacionais especiais precisa ter um trabalho conjunto de professores e alunos para que ele seja melhor compreendido e possa desenvolver suas potencialidades da melhor forma possível.

A IMPORTÂNCIA DA ARTE E O INCENTIVO DOS PAIS

A criança tem a arte como forma de expressão e caso haja estímulo adequado poderá se desenvolver de forma progressiva e completa. Conforme afirmam Martins, Picosque e Guerra (2004, p. 103), “a arte é a linguagem básica das crianças e precisa merecer um espaço especial, que estimule a exploração, a pesquisa, o que certamente não será obtido com desenhos mimeografados e ‘exercícios de prontidão’”.

A Educação Infantil, primeiro estágio da vida escolar da criança, tem como finalidade proporcionar o bem-estar não somente físico, como também afetivo, social e intelectual dos pequenos. E, como já é sabido, a arte é um recurso que abrange todos esses tipos de bem-estar. A arte faz parte da herança cultural produzida pelo ser humano e ele a usa como meio de expressão desde a pré-história (PROSSER, 2012).

Dessa forma, é possível afirmar que a criança tem a arte como forma de expressão e caso haja estímulo adequado poderá se desenvolver de forma progressiva e completa.

Conforme Lowenfeld e Brittain (1977, p. 114), “a arte pode colaborar de forma grandiosa com esse desenvolvimento, visto que é na interação entre a criança e seu meio que dá-se início à aprendizagem”. Então, se o contato que a criança tiver com a arte for estimulante, com certeza, seu relacionamento com a arte será profundamente prazeroso e construtivo.

Não podemos negar que a arte faz parte da formação da criança e, dessa forma, o trabalho da arte já a partir da Educação Infantil irá propiciar às crianças formas de se expressar de forma livre e prazerosa.

Goulart (2006) afirma que é importante trabalhar artes na Educação Infantil, porque, por meio delas, a criança pode exteriorizar seus sentimentos, emoções e, ainda, por tratar-se de uma maneira de ampliar as capacidades da criança, possibilita a exploração de diversos tipos de materiais, desenvolvendo cada vez mais a sua autonomia e identidade.

O desejo de criar está presente em cada ser humano, não apenas nos profissionais de arte. Há em cada um o desejo de estar em contato com a beleza e a criatividade. Se ignorarmos essa particularidade, estaremos renunciando parte de nossa identidade e nos empobrecendo. Prosser (2012, p. 47) afirma que: “poesia, música, pintura e outras artes não são embelezamentos desnecessários para servirem como recompensa das matérias básicas da educação; elas são o básico da educação”.

Carvalho e Guimarães (2002) salientam que o desenvolvimento da criança é um processo que ocorre numa rede de relações sociais. Este processo ocorre em um contexto onde a criança é colocada em contato com outras pessoas. É imersa nessa rede que a criança vai fazendo sua inserção no mundo.

“A aquisição da linguagem, a aprendizagem de hábitos e costumes estão diretamente ligadas ao fato de a criança fazer parte desse universo maior de relações sociais” (CARVALHO E GUIMARÃES, 2002, p. 31).

Consoante Cardoso (2019), além de trazer inúmeros benefícios, o processo de criação artística nas crianças pode auxiliar a tornar a escola algo mais prazeroso para as crianças. Incentivá-las a mexerem com pincéis, tintas, pode estimular a formação de artista, aproveitando uma propensão natural à criação artística.

Na opinião de Bruder (apud CARDOSO, 2019), além do processo de educação artística ensinado na escola, é imprescindível que os pais acompanhem este processo. A autora sugere que os pais tenham em casa materiais dos mais variados tipos, além de procurar estimular o uso de outros materiais como pincéis e lápis de cera, e, sobretudo, não devem entregar desenhos prontos para o seu filho somente pintar e nem apresentar modelos para cópias.

É bastante comum as crianças gostarem de passar seu tempo em contato com o papel, seja desenhando, rabiscando ou colando. O que muitos pais não sabem é que o processo de criação artística merece atenção e é muito importante para o desenvolvimento individual da criança (CARDOSO, 2019, p. 12).

A autora acima ressalta que as crianças devem expressar a arte livremente. Pais e educadores devem se incentivar nessa tarefa de se **expressarem de forma livre**. Desenhos abstratos, que não se parecem com nada, muitas vezes representam uma forma de expressão cheia de significados. Portanto, seja em casa ou na escola, os adultos devem evitar mostrar modelos ou pressuposições de formas aos pequenos.

Conforme Cardoso (2019), a ideia é que a exploração do material seja baseada no sensorial e não no racional, especialmente em crianças de zero a três anos. A partir desses estímulos a criança tem total liberdade para criar aquilo que bem entender. E para incentivá-lo a, quem sabe, se transformar em um futuro Candido Portinari.

Nesse sentido, Cardoso (2019) dá algumas dicas para os pais incentivarem o desenvolvimento artístico dos filhos:

- Quanto menor a criança maior deve ser o papel. De preferência, ofereça uma cartolina para as crianças menores de três anos;
 - Disponibilize um espaço em casa – seja no quarto, na lateral da geladeira ou até na sala– para fazer um mural para expor os desenhos;
 - Pergunte à criança, quando ela achar que finalizou a obra, se ela quer seu nome no papel. Caso a resposta seja sim, escreva o nome onde a criança apontar. Caso ele prefira escrever sozinho deixe-o livre e dê-lhe a caneta, mesmo que ele ainda não saiba escrever;
 - Resista à vontade de questionar, principalmente questões como ‘O que é isso?’.
- A arte deve ser uma expressão livre e o desenho não precisa parecer com alguma coisa.
- Caso a criança peça para você olhar o desenho, limite-se somente a observar. É ela quem deve se manifestar e explicar sua obra, caso deseje;

- E caso a criança pergunte: ‘Você gosta do meu desenho?’, devolva-lhe a pergunta: ‘E você, gosta do seu desenho?’. Vire o papel de cabeça para baixo, ou de lado e diga ‘E se eu segurar assim. Ou assim?’. Isto incentiva a criança a entrar em contato com o pensamento a respeito de sua criação e pode fazer com que ela tenha vontade de aperfeiçoar ou repetir as suas ‘obras de arte’.

Na opinião de especialistas como Duarte (2019) e Cardoso (2019), o ensino de artes na escola, aliado ao incentivo em casa, é de grande importância na formação das crianças a partir da Educação Infantil.

As aulas de educação artística e o incentivo à criação com desenhos e outras formas de arte são muito relevantes para o desenvolvimento da criança.

Tanto na escola quanto em casa, o contato de crianças com as artes é muito importante e auxilia não apenas no desenvolvimento de habilidades manuais, sensibilidade e criatividade, como também colabora para melhor apreensão do conhecimento formal (PROSSER, 2012).

Segundo Cardoso (2019), os primeiros anos de vida são primordiais no desenvolvimento da criança, pois ela começa a estabelecer padrões de aprendizagem, atitudes e um sentido de si mesma como um ser, o que irá refletir em sua vida inteira.

Nesse sentido, a arte pode colaborar com esse desenvolvimento, visto que, conforme mencionado anteriormente, é na interação entre a criança e seu meio que começa o processo de aprendizagem. Apesar de imaginarmos que a arte começa com o primeiro rabisco que a criança faz, na verdade, acontece muito antes, quando os sentidos estabelecem o primeiro contato com o ambiente e a criança reage a essas experiências sensoriais: tocar, cheirar, ver, manipular, saborear, escutar. Qualquer método de perceber o meio e reagir contra ele é a base para a produção de formas artísticas, tanto da criança quanto de um artista profissional (CARDOSO, 2019).

Consoante Goulart (2006), o primeiro registro da criança, em torno dos dezoito meses, assume a forma de garatuja. Esse primeiro rabisco é um importante passo no seu desenvolvimento, visto que é o começo da expressão que a levará não apenas ao desenho e à pintura, mas também à palavra escrita..

Na opinião do autor acima, há uma relação direta entre a forma como a criança trata as garatuja e como se relaciona com o meio em que vive. A criança que não confia em sua capacidade para se adaptar a novas situações estará propensa a garatujar em repetições estereotipadas. Desse modo, é importante para a evolução emocional da criança que ela seja encorajada a desenvolver conceitos e a compreender as possibilidades das garatuja, incentivando a exploração de várias sensações táteis com a argila, bem como notando diferenças entre o quente e o frio, duro e macio, dentre outras. E aí está a importância do incentivo da família nessa fase (GOULART, 2006).

Para Duarte (2019), também são muito importantes as atividades culturais que, além de educar, conseguem tirar, pelo menos por algum tempo, as crianças da frente do videogame, do celular, da televisão, estimulando a criatividade e a sociabilidade.

Os pais precisam ter consciência de que a cultura é um instrumento de educação para os filhos, e que compartilhar esses momentos com as crianças, além de divertido, é muito importante para fortalecer os laços familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível verificar, a influência dos pais no desenvolvimento dos filhos é um dos fatores de maior importância na formação da personalidade do indivíduo, trazendo consequências positivas ou negativas. A criança está inserida, desde o nascimento, no contexto social e se desenvolve através de interações que estabelece, com a experiência sócio-histórica dos adultos e com o mundo por eles criado.

É preciso permitir à criança o desenvolvimento da consciência capaz de levá-la a agir de forma crítica e reflexiva através de um ambiente de liberdade, respeito, compreensão e comprometimento.

Os pais devem estar atentos e proporcionar uma interação nas diversas etapas do desenvolvimento de seus filhos, considerando-se o ser humano como um ser biopsicossocial num processo de transformação constante na busca de um equilíbrio.

Nesse passo, a família é chamada juntamente a sociedade, de uma forma geral, a incentivar também o desenvolvimento da arte na escola, construindo juntos uma comunidade com valores culturais.

Com o desenvolvimento deste trabalho, ficou clara a importância da produção artística para o ensino-aprendizagem do aluno de uma forma geral, já que várias disciplinas podem ser envolvidas com a arte, bem como os benefícios que ela pode causar no desempenho do aluno, não só na aprendizagem, mas como ser integrante da sociedade, que tem anseios de ter uma vida digna.

Quando estimuladas, as crianças são capazes de apreciar o que existe de melhor nas artes, seja no cinema, no teatro, na dança, na pintura, na literatura, ou outros. Aos poucos, os pais vão percebendo que programas culturais consistem numa opção diferente e construtiva para os filhos. Quando o incentivo vem de dentro de casa, as crianças deixam o medo e a formalidade de lado.

É muito importante que a família participe de programas vinculados às artes, visto que, além de vários outros benefícios, isso irá desenvolver o campo visual das crianças e leva-las a conhecer melhor o mundo em que vivem.

Não são raras as vezes em que, por ter contato desde cedo com o universo das artes, as crianças acabam descobrindo seu próprio talento, superando até mesmo as expectativas dos pais.

A formação de uma criança não pode fundamentar-se somente nas disciplinas oferecidas pela escola. As artes são recursos importantes para o desenvolvimento da sensibilidade e de uma posição crítica em relação ao mundo. Porém, muitas vezes, o problema está na falta de incentivo dos pais, que não têm paciência para acompanhar os filhos nesses programas culturais infantis.

Os pais precisam se conscientizar de que a cultura é uma ferramenta de educação para os filhos, e que compartilhar estes momentos com as crianças, além de ser divertido, é muito importante para fortalecer os laços familiares.

É necessário que as crianças conheçam a diversidade da cultura brasileira e aprendam a respeitá-la e a valorizá-la. Um filme, por exemplo, pode ser assistido sob vários aspectos, e isto

é muito rico. A criança que vai ao cinema, com certeza perceberá o mundo de um modo mais diversificado e rico. E, assim, terá mais oportunidades de escolha e será mais crítica no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOWLBY, J. Formação e rompimento dos laços afetivos. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. 12ª ed. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/inclusao-social-e-equidade/ acessibilidade/legislacao-pdf/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>>. Acesso em: 09 mai. 2019.
- CARDOSO, A. P. Saiba como ajudar no processo de criação artística do seu filho. Disponível em: <<http://arevistadamulher.com.br/familia/content/2339362-saiba-como-ajudar-no-processo-de-criacao-artistica-do-seu-filho>>. Acesso em: 05 mai. 2019.
- CARVALHO, A.; GUIMARÃES, M. Desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos. Natureza-cultura em interação. In: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (org.). Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- DUARTE, R. Como estimular as crianças a gostar de arte. Disponível em: <<http://revistadonna.clicrbs.com.br/noticia/como-estimular-as-criancas-a-gostar-de-artes/>>. Acesso em: 05 mai. 2019.
- GOMIDE, P. I. C. Pais presentes, pais ausentes: regras e limites. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- GOULART, J. Trabalhando a arte como conhecimento na educação infantil. In: Revista de Iniciação Científica, 2006.
- LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. Desenvolvimento da Capacidade Criadora. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. Didática do Ensino de Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. 2ª ed. São Paulo: FTD, 2004.
- OLIVEIRA, L. P. de. Uma relação tão delicada: A Participação da Família no Processo de Aprendizagem de Crianças do Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série e Classes de Alfabetização. Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e Educação, da Universidade da Amazônia, 2001.
- PROSSER, E. S. Ensino de Artes. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.
- ROMERO, A. S. A Família e o Incentivo à Arte na Comunidade Escolar. Disponível em: <<http://www.nead.uesc.br/arquivos/pedagogia/ensaios/a-Fam%C3%ADlia-e-Incentivo-a-Arte/32417629.html>>. Acesso em: 05 mai. 2019.
- TIBA, I. Quem ama educa! São Paulo: Gente, 2002.
- VIEIRA NETA, E.; SILVA, D. R. M. Importância da Família na Alfabetização da Criança. Disponível em: <http://vemprafam.com.br/wp-content/uploads/2016/11/4_A-importancia-da-familia-na-alfabetizacao-da-crianca.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2019.

O MUSEU COMO ESPAÇO EDUCATIVO NÃO FORMAL
THE MUSEUM AS AN INFORMAL EDUCATIONAL SPACE
EL MUSEO COMO ESPACIO EDUCATIVO NO FORMAL

Elaine de Souza Trevisani Dias
elainetrevisane@yahoo.com.br

DIAS, Elaine de Souza Trevisani. **O museu como espaço educativo não formal.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.40, p. 33 – 40 , Outubro/2024. ISSN/2675 – 5203

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo ressaltar a importância dos museus como agentes de transformação social e desenvolvimento, e de que maneira vem contribuindo para a educação no Brasil e no Mundo. Nesse sentido, aborda-se aqui o desafio de conectar a educação formal com a educação não formal, aqui representada pelo museu. O estudo a respeito dos museus conquistou um espaço significativo na educação formal, em virtude de a escola buscar tornar mais palpável a aprendizagem desenvolvida em sala de aula, por meio da visita ao museu e das dinâmicas pedagógicas por ele oferecidas. A finalidade é alargar os conhecimentos dos educandos e despertar o interesse em conhecer e preservar toda uma cultura que se apresenta por meio dos seus acervos. A fim de promover esse elo educacional e atender a demanda da nova sociedade, os museus ampliaram e organizaram seus espaços de modo que seja capaz de atender às expectativas dos visitantes, produzindo neles o deslumbre e o interesse pela história, reconhecendo-se como agentes ativos desse processo. O Museu, até então considerado local no qual se guardava coisas antigas, passa a exercer uma nova função: a de informar e educar. Fazendo uso da vantagem de acompanhar gerações, ele oferece conhecimento e acesso a informações que servirão como fundamento para o desenvolvimento de estudos que objetivam utilizar a história para desenvolver métodos eficazes para o desenvolvimento e evolução da sociedade atual.

Palavras-chave: Arte. Museu. Educação.

SUMMARY

This article aims to highlight the importance of museums as agents of social transformation and development, and how they contribute to education in Brazil and worldwide. It addresses the challenge of connecting formal education with non-formal education, represented here by museums. The study of museums has gained significant ground in formal education, as schools seek to make learning more tangible through museum visits and the pedagogical activities they offer. The goal is to broaden students' knowledge and spark interest in understanding and preserving the culture presented through their collections. To promote this educational link and meet the demands of modern society, museums have expanded and organized their spaces to meet visitors' expectations, instilling wonder and interest in history and recognizing themselves as active agents in this process. Museums, once seen merely as places to store old items, now serve a new function: to inform and educate. By engaging with generations, they provide knowledge and access to information that will serve as a foundation for studies aimed at using history to develop effective methods for the development and evolution of contemporary society.

Keywords: Art. Museum. Education.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo resaltar la importancia de los museos como agentes de transformación social y desarrollo, y cómo contribuyen a la educación en Brasil y en el mundo. Se aborda el desafío de conectar la educación formal con la educación no formal, representada aquí por los museos. El estudio sobre los museos ha ganado un espacio significativo en la educación formal, ya que las escuelas buscan hacer el aprendizaje más tangible a través de visitas a museos y las dinámicas pedagógicas que ofrecen. La finalidad es ampliar los conocimientos de los estudiantes y despertar su interés por conocer y preservar toda una cultura que se presenta a través de sus acervos. Para promover este vínculo educativo y atender la demanda de la nueva sociedad, los museos han ampliado y organizado sus espacios para satisfacer las expectativas de los visitantes, produciendo en ellos asombro e interés por la historia, reconociéndose como agentes activos de este proceso. El museo, que hasta entonces se consideraba un lugar donde se guardaban cosas antiguas, pasa a ejercer una nueva función: informar y educar. Aprovechando la ventaja de acompañar generaciones, ofrece conocimiento y acceso a información que servirá de fundamento para el desarrollo de estudios que busquen utilizar la historia para desarrollar métodos eficaces para el desarrollo y evolución de la sociedad actual.

Palabras clave: Arte. Museo. Educación.

INTRODUÇÃO

Já faz algum tempo que o papel dos museus como espaços de educação não formal vem sendo amplamente discutido. Os museus trazem a potencialidade da descoberta, do “re-olhar” e da reflexão crítica, uma vez que oferecem, por meio de experiências variadas, tanto no âmbito sensível quanto no subjetivo, que o visitante possa elaborar os conteúdos ali expostos e seja também agente na construção do seu conhecimento (FERREIRA, 2019).

Do estranhamento perante os acervos nascem questionamentos e, assim, a busca por preencher lacunas, sanar ideias preconcebidas, desvelar o implícito, pensar sobre o que está exposto e até mesmo ir além do que está posto nas exposições (PEREIRA, 2019).

Diante disso, conforme Pereira (2010), é possível afirmar que a prática da educação é uma constante no universo das instituições museológicas desde a sua criação, no entanto, esse pensamento acompanha as mudanças ocorridas na educação em cada momento histórico.

O processo de configuração dos museus está intimamente ligado à trajetória da educação. Os caminhos que as práticas museais e a educação percorrem refletem o desejo de uma época e as aspirações provenientes de momentos historicamente definidos e imbricados por interesses diversos (PEREIRA, 2010, p. 18).

De acordo com Franco (2019), a parceria entre museu e escola é atualmente considerada fundamental para a existência e sobrevivência dos museus, uma vez que garante um índice elevado de visitas e público cativo para o futuro. Programas especiais e a criação de núcleos educativos tomaram lugar relevante nos museus em geral.

Entende-se que a museologia é a ciência que se debruça sobre a relação do homem com o seu patrimônio, e que o patrimônio é aquilo que é reconhecido como herdado de gerações passadas, aquilo que é construído como referencial identitário e mesmo aquilo que é construído para ser suporte de uma memória (PRIMO, 2009).

Todos os bens culturais são musealizados quando são destacados do seu contexto de uso e passam a ser tratados como objetos/bens referenciais da cultura e por isso devem ser preservados. Dentro dessa perspectiva de preservação está a “educação patrimonial”, um campo de ação que faz refletir acerca da frase: “preserve este patrimônio que também é seu”. No entanto, não há como preservar aquilo que não se conhece. Assim, é necessário “educar”: defender o nosso patrimônio artístico é alfabetização. Essa colocação baseia-se na premissa de que, em primeiro lugar, é preciso conhecer para preservar e, em segundo, a preservação é fruto de uma tomada de consciência, de uma decisão e de uma vontade política (PRIMO, 2009).

A educação pela arte não é apenas a aquisição da capacidade de expressão pessoal. A arte incute a vontade de aperfeiçoamento contínuo, apenas por meio da sua exemplaridade, e predispõe-nos para uma compreensão aprofundada do mundo e de nós mesmos. Perante uma obra de arte, o pensamento e a emoção conjugam-se. Desse modo, são-nos revelados modos de melhorar o mundo e a vida pessoal (FROIS, 2008).

Segundo Figureli (2011), a iniciação artística constitui, ao mesmo tempo, um dos resultados que se espera da educação básica e secundária, como dimensão essencial que é do ser-se pessoa e cidadão, e uma das áreas de atividade mais interessantes para a aquisição e o desenvolvimento das competências fundamentais, quer cognitivas, quer emocional, quer

relacionais. Por seu lado, a promoção de actividades educativas nos museus é indispensável para que estes realizem formação, a qual é uma das suas funções principais.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo ressaltar a importância dos museus como agentes de transformação social e desenvolvimento, e de que maneira vem contribuindo para a educação no Brasil e no Mundo ao longo de sua existência. A intenção é abordar o desafio de interligar a educação formal com a educação não formal, aqui representada pelo museu.

Como metodologia optou-se pela Revisão Bibliográfica, buscando em livros, monografias, teses, artigos e sites na Internet que abordem o assunto.

DESENVOLVIMENTO

MUSEU E EDUCAÇÃO

Segundo Grinspum (2000), o termo museu vem do latim "museum" que por sua vez se origina do grego "mouseion", denominação, na antiga Grécia, do templo ou santuário das musas. Segundo a mitologia grega, havia nove musas que presidiam as chamadas artes liberais: história, música, comédia, tragédia, dança, alegria, poesia lírica, astronomia e a poesia épica e a eloquência. O termo estava mais ligado ao clima ou à atmosfera do local do que às suas características físicas. Os objetos desses museus vinham de oferendas e eram expostos à visita mediante o pagamento de taxas.

A museologia se encarrega também de cuidar da restauração, acondicionamento e documentação dos acervos do museu (PRIMO, 2009).

Conforme Primo (2009), assim como tudo se transforma e se adequa às mudanças da sociedade, com a museologia não foi diferente. Analisando a sua trajetória, é possível ver que antes a sua preocupação era com o objeto em si, voltado para um público específico com um modelo bem formal. Hoje, o seu contexto está voltado não só para o objeto, mas há uma preocupação em inserir a comunidade como participante desse processo, fazendo aproximação desta com seus acervos por meio de ações e práticas culturais, objetivando também a valorização e o significado desse acervo para a comunidade. Objetiva também diminuir a distância entre quem visita um museu e quem produz as obras nele exposta.

Desde os primórdios, as pessoas mantêm o hábito de colecionar. Os motivos iam desde o valor afetivo ao material e cultural. O museu representa também, mais que um hábito de colecionar ou zelar pelos acervos, representa a história de um povo e sua evolução. "Museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e aberto ao público, que adquire, conserva pesquisa e exhibe para finalidade do estudo, da educação e da apreciação, evidencia material dos povos e seu ambiente" (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2019, p. 48).

Na visão de Franco (2019), o fato de aproximar o museu da comunidade não poderia deixar de incluir neste programa as escolas. Um dos objetivos da aproximação dos museus com as escolas é desmistificar a concepção que muitas pessoas têm do museu como um lugar no qual se guarda coisas velhas, levantando uma reflexão sobre a importância do museu na vida das pessoas ao mesmo tempo em que desperta neles, a percepção de cidadão e agente desse processo histórico. O museu passa a exercer a partir de então a função de educador, servindo como fonte de pesquisas e atuando na produção de saberes, tornando o processo de

aprendizagem mais dinâmico e significativo, uma vez que o aluno passa a visualizar na prática as informações teóricas obtidas em sala de aula.

Segundo Leal (2019, p. 14)

[...] Pela escolarização, queremos dizer que os museus abandonam seus objetivos de serem centros de comunicação e cultura para produzir seu papel de complemento da formação promovida na escola conformando-se com os métodos de educação escolar tradicional.

Surge então a parceria entre a educação formal e a não formal, em que o museu aparece como mediador da educação não formal, complementando o estudo aplicado pelos professores na educação formal. O museu é um espaço viável para todas as disciplinas e atualmente muito requisitado pela educação, o que implica novos desafios, uma vez que o museu precisou adaptar-se às modificações impostas pela sociedade atual em pleno avanço tecnológico, com o intuito de olhar não apenas a coleção, mas também o público que ele recebe, modificando para atender as expectativas desse novo público com o intuito de desenvolver informações produzidas pela ciência e tecnologia. Para isso, fez-se necessário a adequação da linguagem e de todas as formas de comunicação, bem como a capacitação de profissionais que atendam os visitantes facilitando a sua interação com o meio, velando-se de uma comunicação clara e objetiva, que possibilitará para ele a interpretação do contexto museológico e a aproximação de pessoas “excluídas” desse contexto, promovendo assim a sua inserção social (FERREIRA, 2019).

Na opinião de Ferreira (2019), para a escola, cabe a função de problematizar as informações e conceitos adquiridos no museu, incentivando a participação do público escolar aumentando o nível cultural e erradicando o analfabetismo científico. Portanto, um público mais culto cientificamente estará em melhor posição para discutir, acompanhar e reivindicar políticas públicas referentes a questões atuais e controversas das ciências.

O museu é um componente muito importante para a educação, sendo uma instituição em que se pode ensinar arte, pois, é um ambiente propício para a crítica e no qual existem várias obras que levam as pessoas a quererem saber do que se trata, a que se refere, como funciona. Com isso, o sistema arte-educação facilita o aprendizado à crítica e, conseqüentemente, se as pessoas aprendem a criticar, elas vão conhecer as obras e assim podem distinguir a cultura a qual determinada obra pertence (BEMVENUTI, 2019).

Consoante Thomas Munro (apud FROIS, 2008), para se ter bons críticos é preciso que se tenha bons arte-educadores, sendo assim, ele criou o sistema de morfologia estética, que se tratava do estudo da obra isolado. Com esse sistema fazia com que seus alunos estudassem a obra, a analisar, descrevessem, o que fazia com que eles sentissem aquela obra, porque acreditava que o contexto histórico ao qual se enquadra a obra podia ser aprendido fora dali.

Outra questão em jogo é a tecnologia no museu, que pode ser de grande valor, pois, é uma forma de chamar a atenção das pessoas para o museu. Para Munro (apud PEREIRA, 2019), o arte-educador é o mediador entre a obra e o aluno. Dessa forma, o modo como o educador passa a informação faz toda a diferença e a tecnologia pode ajudar e muito nessa passagem do conhecimento.

COMUNICAÇÃO INTERNA E EXTERNA

Conforme Marandino (2019), o museu, como instituição histórico-socialmente condicionada, não pode ser visto como um produto acabado; visto que é o resultado das ações dos personagens que o estão construindo e reconstruindo a cada dia. São os nossos conceitos de museologia e de museu que irão atribuir à instituição diferentes perfis, que deverão ser adaptados aos diversos contextos. Daí advém a necessidade de uma avaliação constante que deverá fornecer informações significativas para a definição da missão e dos objetivos, o que requer abertura, por parte de seu corpo técnico e dos indivíduos responsáveis pela sua administração. Pensar a relação museu-escola implica, sobretudo, transformação dos responsáveis pelos projetos, que deverão ser desenvolvidos com qualidade formal e política.

O museu, para atingir sua função pedagógica, deverá ter uma capacidade de produção própria, com questionamento crítico e criativo, sem, contudo, deixar de interagir com outras áreas do conhecimento. A pesquisa, como princípio científico e educativo, é o caminho para que o museu possa contribuir, efetivamente, para o desenvolvimento sociocultural (FRANCO, 2019).

Na visão de Franco (2019), a compreensão de que as ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação devem ser aplicadas em interação e como função educativa, aponta para a necessidade de uma ação integrada entre os técnicos que atuam em todos os setores dos museus. Definem-se assim metas e objetivos em conjunto, ampliando as funções e os campos de aplicação das mesmas.

Para Marandino (2019), é necessário compreender que não é somente o setor educativo do museu o responsável pelos programas com as escolas. A operacionalidade das programações pode ser responsabilidade de um setor específico, ou de vários setores em interação. O que é mais importante compreender é que todas as ações museológicas devem ser pensadas e praticadas como ações educativas e de comunicação. Sem essa concepção, não passariam de técnicas que se esgotam em si mesmas e não teriam muito a contribuir para os projetos educativos que viessem a ser desenvolvidos pelo museu, tornando a instituição um grande depósito para guarda de objetos.

Na maioria dos museus brasileiros, os serviços educativos, quando existem, dispõem de insuficientes meios humanos e financeiros, o que a princípio já torna difícil e pouco estimulante a elaboração de programas de atividades anuais e plurianuais e a sua indispensável avaliação. Em geral, esses serviços concentram-se no atendimento de grupos escolares, segundo propostas por eles – serviços educativos – delineadas ou de acordo com as solicitações, ou trabalho prévio com os professores (PEREIRA, 2019).

Menos frequentes, mas relevantes, são os ateliers temporários (voltados sobretudo, para as crianças), a organização de conferências e colóquios (geralmente articulados com exposições temporárias) ou a realização, em colaboração com outros organismos culturais, de espetáculos de teatro, de música, relacionados, em alguns casos, com os sentidos das coleções dos respectivos museus. Esse tipo de iniciativa, que exige orçamentos reforçados, acontece, sobretudo, em datas específicas que celebram, por exemplo, o Dia Internacional dos Museus ou o Dia das Crianças (PEREIRA, 2019).

Segundo Pereira (2019), é importante referir também outras iniciativas, nomeadamente em alguns museus que preveem caminhos de futuro:

- contratos de parceria com Câmaras Municipais das respectivas cidades e com as Regiões Escolares da Área, com o intuito de, mais sistematicamente e com assunção conjunta dos programas e seus custos, desenvolverem e potencializarem as virtualidades educativas da visita aos museus em alguns casos com edição de cadernos lúdico-pedagógicos específicos;
- desenvolvimento de programas adequados a invisuais, por solicitação e acompanhamento de organismos com competência na área;
- disponibilização de materiais lúdico-pedagógicos para crianças que visitam os museus acompanhadas pelas famílias;
- calendarização nas horas de almoço de visitas temáticas abertas a todos os visitantes sobre uma peça ou um conjunto restrito relacionado, organizados pelos conservadores da respectiva área.

Essas linhas de atuação são, geralmente, interessantes e bem desenvolvidas, mas carecem de um continuado trabalho de divulgação e avaliação. Na verdade, elas dificilmente extravasam as paredes reais e simbólicas dos museus e passam ao registo escrito, fotografado ou filmado, não multiplicando públicos nem atingindo os não públicos e, por outro lado, não sendo sequer significativamente divulgadas e avaliadas pelos profissionais do setor (PEREIRA, 2019).

Dessa forma, será importante também referir os principais objetivos e estratégias para essa área.

Na opinião de Franco (2019), será indispensável pensar em alterar o setor da educação dos museus começando por questionar o seu próprio funcionamento interno. Nesse sentido, o objetivo mais importante a atingir é o de envolver mais significativamente toda a equipe do museu nas funções de comunicação e educação. E toda a equipe envolve não apenas os conservadores, os técnicos dos diversos escalões, mas também os setores de guardaria e recepção, segurança e os serviços administrativos. Não se pode implementar para o exterior mais e melhor comunicação se essa não for praticada no interior de cada um dos locais de trabalho. Esses pressupostos enunciados serão certamente possíveis e realizáveis se se implementarem algumas das seguintes práticas:

- a imprescindibilidade de reuniões periódicas, breves, mas eficazes, de toda a equipe para divulgação dos planos de atividades;
- a obrigatoriedade de diretores, conservadores e técnicos circularem regularmente por todas as áreas públicas dos museus, ouvindo, observando, intervindo;
- a organização, fora dos horários de atendimento do público, de visitas guiadas ou outras iniciativas para os setores do pessoal que não participam diretamente na sua elaboração, abertas aos respectivos familiares.

O essencial dessas e outras práticas, idênticas ou mais ambiciosas, é, evidentemente, a vontade de partilha de responsabilidades e objetivos entre todos os que trabalham num museu. Mas, é também o claro enunciado que se deseja que o museu seja, para todos eles, para os mais qualificados e para os mais humildes, aquilo se pretende que seja para os públicos: um lugar de aprendizagem sensível de outras coisas, as que não parecem necessárias, e que por isso só entram nas nossas vidas pela via dos afetos e das emoções (FRANCO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Museus têm um papel fundamental como espaço não formal para a arte educação, pois é o local onde se concentra a maior parte de toda a história. Ele interage com todas as disciplinas escolares. Além disso, abre espaço para que todos possam ter esse contato com o passado descobrindo esse mundo maravilhoso de invenções e descobertas que ele nos propicia em meio a tantas dificuldades.

Esse espaço por ser interativo e lúdico favorece a aprendizagem significativa. As crianças podem vivenciar aquilo que foi ensinado em sala de aula, tirar suas dúvidas e explorar sua curiosidade.

É sabido que muitas escolas formais carecem de laboratórios e que até as experiências mais simples muitas vezes não são realizadas. Assim, divulgar um espaço no qual a aula do professor pode ser complementada com vivências é fascinante para o aluno e para o próprio docente.

Além disso, é possível apontar como se estabelece a relação educação formal X educação não formal. No Museu, os alunos aprendem pelo contato direto com os objetos e pela visualização dos mesmos em um espaço fora da escola, porém existe a intencionalidade. Os monitores, em suas explicações, objetivam a aprendizagem da história e da arte da nossa cultura. São pessoas diferentes do da figura habitual do professor que, por meio de linguagem específica, explicam como ocorreram os fatos históricos. O espaço oferece a troca de saberes. Muitos alunos possuem vivências e aprendizagens adquiridas por meio do espaço informal e, ao discutir com os monitores, as dúvidas antes existentes poderão ser esclarecidas. Mas, não se pode deixar de apontar que, provavelmente, foi com a educação formal, realizada no espaço escolar que os discentes adquiriram muitos conhecimentos e que podem ser melhores apreendidos quando se estabelece a relação teoria/prática proporcionada pelo ambiente não formal.

Portanto, é preciso ter clareza que a educação não formal não substitui a educação formal. Ela a complementa, sobretudo, nesses espaços que oferecem a interatividade e participação.

O Museu oferece estudos nas diversas áreas do saber científico e histórico, portanto, proporciona ao educando uma experiência multidisciplinar. Deixa de lado a fragmentação do conhecimento levando o discente a perceber que as diferentes áreas se complementam e que uma necessita da outra para explicar os diferentes fatos históricos.

Historicamente, os museus foram pensados pelos adultos e para os adultos, mas essa realidade foi mudando com o passar do tempo e atualmente esses locais são cada vez mais frequentados por públicos de todas as faixas etárias, afinal é um lugar no qual o aprendizado pode ocorrer naturalmente. Então, mediante essa realidade, é possível defender a ideia que é necessário repensar um novo modelo de museu para torná-lo um ambiente para todos e democratizar o seu espaço.

A escola tem como objetivo levar o conhecimento à criança, e o museu pode se tornar um parceiro por exporem os objetos de uma forma ou outra, levando a criança a vivenciar o conhecimento, possibilitando a relação de aprendizagem com os objetos e não somente sobre eles. Deveriam ser criadas propostas pedagógicas em que as idas ao museu deveriam constar

nas grades curriculares das escolas, já que proporcionam aos alunos um contato com o novo, fazendo assim uma oportunidade de ter uma relação interdisciplinar, ouvir o aluno, trocar experiências e vivências, conhecer o que pensam, auxiliando assim a ampliação dos horizontes dos que passam por esses locais.

Imaginar o museu no sentido mais amplo da palavra, sobretudo, no que tange seu processo educativo, e identificar as oportunidades de aprendizagem nas tarefas do cotidiano da instituição, é o diferencial para um museu que tem a pretensão de cooperar com a sociedade na qual está inserido.

É preciso acreditar que a execução do compromisso social passa, irrestritamente pela educação. Enfim, é necessário reconhecer o papel educativo do museu como aspecto fundamental para o desenvolvimento e progresso da própria instituição e também das comunidades que se fazem presentes no entorno da mesma. Porém, existem muitas coisas que precisam ser melhoradas nos museus para que eles realmente sejam vistos como agentes de mudança social e desenvolvimento. Essa mudança envolve o Estado, as universidades, o arte-educador e a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEMVENUTI, A. Museu para Todos: o papel da ação educativa como mediadora cultural. Disponível em: <http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Museus-para-todos-o-papel-da-a%C3%A7%C3%A3o-educativa-como-mediadora-cultural.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.
- DESVALLÉS, A.; MAIRESSE, F. Conceitos-chave de Museologia. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://icom-portugal.org/multimedia/Conceitos-Chave%20de%20Museologia.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.
- FERREIRA, C. L. O lugar da educação em espaços não formais: museus e centros de ciências. Disponível em: <<https://www.uniube.br/eventos/epeduc/2015/completos/11.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- FIGURELI, G. R. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS Unirio. Ano 2, 2011.
- FRANCO, S. P. Uma reflexão sobre o papel educativo dos museus. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2615/2100>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- FROIS, J. P. Os Museus de Arte e a Educação: Discursos e Práticas Contemporâneas. Instituto dos Museus e da Conservação. 2008.
- GRINSPUM, D. Educação para o patrimônio: museu de arte e escola: responsabilidade compartilhada na formação do público. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2000.
- LEAL, C. F. B. Patrimônio e desenvolvimento: as políticas de patrimônio cultural nos anos 1960. An. mus. paul. São Paulo, v. 24, n. 1. Apr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142016000100099&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- MARANDINO, M. (org.). Educação em Museus: a mediação em foco. São Paulo: Geenf/FEUSP, 2008. Disponível em: <<http://parquecientec.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/MediacaoemFoco.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2019.
- PEREIRA, A. B. et al. Arte-Educação em Museus: Discursos e Práticas Contemporâneas. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Arte-Educa%C3%A7%C3%A3o-Em-Museus/55040541.html>>. Acesso em: 11 jun. 2019.
- PEREIRA, M. R. N. Educação Museal - Entre dimensões e funções educativas: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS UNIRIO/MAST, 2010.
- PRIMO, J. S. Pensar contemporaneamente a museologia. Cadernos de Sociomuseologia, n. 21, p. 5-38, 2009.

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL E O PAPEL DO PROFESSOR

THE IMPORTANCE OF ART IN ELEMENTARY EDUCATION AND THE ROLE OF THE TEACHER

LA IMPORTANCIA DEL ARTE EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA Y EL PAPEL DEL PROFESOR

Claudineia Aparecida da Silva
claudineia9880@yahoo.com

SILVA, Claudineia Aparecida da. **A importância da arte no ensino fundamental e o papel do professor.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.40, p. 41 – 49, Outubro/2024. ISSN/2675 – 5203

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da arte no ensino fundamental, refletindo sobre o fazer pedagógico do professor e abrindo possibilidades e caminhos para o ensino dessa área de conhecimento que, muitas vezes, é entendida como secundária no contexto da sala de aula. O ensino de artes no ensino fundamental é essencial, uma vez que promove os meios da expressão humana, amplia o conhecimento de mundo, desperta a criatividade e a imaginação. O ensino de artes visuais permite compreender o mundo em que se vive tratando conceitos como visualidade, imagem, arte e educação, em relação à cultura e como cultura. O trabalho com a arte permite que a criança se comunique, expresse seus sentimentos, como forma de linguagem, que pode ser percebida, sobretudo, por meio do desenho infantil, pois, é por intermédio dele que a criança concebe seu espaço, sua realidade: O desenho é o modo de expressar da criança. Sendo assim, um dos principais compromissos do professor da educação infantil é adequar sua prática educativa de modo a privilegiar a observação, a expressão e a comunicação das crianças, representando papel central nesse contexto, pois atua como mediador entre o conhecimento e a criança.

Palavras-chave: Artes visuais. Educação infantil. Professor.

SUMMARY

This paper aims to analyze the importance of art in elementary education, reflecting on the teacher's pedagogical work and opening possibilities and paths for teaching this area of knowledge that is often understood as secondary in the classroom context. Teaching arts in elementary education is essential, since it promotes the means of human expression, expands knowledge of the world, and awakens creativity and imagination. Teaching visual arts allows us to understand the world in which we live, addressing concepts such as visuality, image, art and education, in relation to culture and as culture. Working with art allows children to communicate and express their feelings, as a form of language, which can be perceived, above all, through children's drawings, since it is through them that children conceive their space, their reality: Drawing is the child's way of expressing themselves. Therefore, one of the main commitments of the early childhood education teacher is to adapt his/her educational practice in order to prioritize the observation, expression and communication of children, representing a central role in this context, as he/she acts as a mediator between knowledge and the child.

Keywords: Visual arts. Early childhood education. Teacher.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la importancia del arte en la educación primaria, reflexionando sobre la práctica pedagógica del docente y abriendo posibilidades y caminos para la enseñanza de esta área del conocimiento, que muchas veces es entendida como secundaria en el contexto del aula. La enseñanza de las artes en la escuela primaria es fundamental, ya que promueve los medios de expresión humana, amplía el conocimiento del mundo, despierta la creatividad y la imaginación. La enseñanza de las artes visuales nos permite comprender el mundo en el que vivimos, tratando conceptos como visualidad, imagen, arte y educación, en relación con la cultura y como cultura. Trabajar con el arte permite a los niños comunicarse, expresar sus sentimientos, como una forma de lenguaje, que se puede percibir, sobre todo, a través de los dibujos infantiles, ya que es a través de ellos que los niños conciben su espacio, su realidad: El dibujo es una forma de expresándose. Por ello, uno de los principales compromisos del docente de educación infantil es adaptar su práctica educativa con el fin de privilegiar la observación, expresión y comunicación de los niños, representando un papel central en este contexto, ya que actúa como mediador entre el conocimiento y la niño.

Palabras clave: Artes visuales. Educación infantil. Maestro.

INTRODUÇÃO

A escola atual é, na sua grande maioria, privada em muito a criança da sua originalidade e autonomia. Acredita-se que a criança deva ser orientada de forma efetiva durante o seu desenvolvimento escolar. Depois de tantos avanços teóricos, descobertas em tecnologia educacional e a derrubada de métodos obsoletos, o ambiente escolar ainda reprime as ações da criança. Nesse contexto, pouco ou nada se usa da contribuição artística para o desenvolvimento escolar da criança.

Conforme Barbosa (2010), a visão de arte no ensino fundamental deve ser revista e ressignificada, pois, o desenvolvimento das habilidades artísticas é uma das maiores fontes de satisfação pessoal para as crianças, além de contribuir para elevar a sua autoestima e para construção dos valores essenciais de convivência em sociedade.

É por meio da arte que as crianças desenvolvem o conhecimento em diferentes produções artísticas e, sendo assim, deve ser estimulada por meio de atividades lúdicas que ampliem a livre expressão da criança.

Nesse sentido, o papel do professor de ensino fundamental torna-se fundamental, devendo ser o mediador entre o aluno e o conhecimento, ajudando-o a refletir sobre a Arte de maneira criativa, reflexiva e construtiva (BUENO, 2008).

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo discutir a importância das Artes Visuais no ensino fundamental, refletindo sobre o fazer pedagógico do professor e abrindo possibilidades para ressignificação do ensino dessa área de conhecimento que, muitas vezes, é entendida como secundária no contexto da sala de aula. Assim, pretende-se afirmar a importância da arte no ensino fundamental, desmistificando a mesma como mero passatempo.

Quanto aos aspectos metodológicos, foi realizado um trabalho de revisão bibliográfica sobre o tema em questão, buscando levantar um referencial teórico que fornecesse subsídios à pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

AS ARTES VISUAIS COMO LINGUAGEM NA ATUALIDADE

Muitas questões ligadas à arte na contemporaneidade geram discussões, sobretudo, no que diz respeito ao ensino. Bastos (2005) propõe que o ensino da arte contemporânea deve se pautar pela prática educativa comprometida com a liberdade e a consciência. Segundo a autora, “uma visão ampla e inclusiva do mundo considera várias formas de arte, desafiando limites convencionais, inspirando uma valorização artística mais ampla e a possibilidade de maior participação social” (BASTOS, 2005, p. 229). Outro aspecto importante é o conhecimento da cultura de hoje, pois dá significado ao momento atual e possibilita contextualizar as obras. A compreensão da arte pós-moderna está diretamente ligada ao meio cultural e ao contexto do que à análise formal das obras.

As linguagens artísticas com todas as suas possibilidades servem como instrumentos,

como recursos para veiculação da expressão humana. Na concepção de Prosser (2012), isso ocorre porque quem exprime alguma coisa, o faz para alguém, ou seja:

O produto artístico, então, desempenha uma função mediadora: ele exprime uma ideia que é traduzida em símbolos e transformada em ação ou elemento concreto. Este novo elemento, por sua vez, transmite algo para a outra pessoa, que pode entender a mensagem de maneiras diferenciadas, conforme seus próprios referenciais (PROSSER, 2012, p. 47).

Nas artes visuais, os recursos de linguagem utilizados são distintos. Ao apreciar uma obra artística, distingue-se a superfície, a linha, as formas, as cores, as transparências, as texturas, os volumes, o movimento, a técnica (CARRARA, 2012).

Ao observar cada um desses elementos, Prosser (2012) acredita que é possível obter informações precisas sobre o autor, sua visão de mundo e sua época. No contexto do ensino fundamental, Tatit e Machado (2003) acreditam que é necessário promover uma vasta discussão sobre os elementos da linguagem das artes visuais, que ajudará o aluno a ampliar sua visão na construção de uma obra. Conforme Carrara (2012), para compreender os trabalhos de arte visual, é necessário conhecer os elementos que estruturam a linguagem. Tais elementos são chamados de formais e fazem parte de objetos de arte visual, transmitindo muitos sentimentos e sensações.

De acordo com Bueno (2008), a leitura de uma imagem só é possível quando se conhece tais elementos. A autora salienta que conhecer os elementos básicos que compõem a linguagem é equivalente ao fato de aprender a ler.

Ao se referir às artes plásticas, está se reportando ao que se reconhece por meio de elementos visuais e táteis, como o desenho, a gravura, a pintura e a escultura.

Porém, o estudo desses elementos também se faz necessário em outras linguagens das artes visuais, como o vídeo, o cinema e a fotografia (BUENO, 2008). Segundo Dondis (2001), os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que se vê. São eles: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento.

O uso dos componentes visuais básicos como meio de conhecimento e compreensão tanto de categorias completas dos meios visuais quanto de obras individuais é um método excelente para explorar o sucesso potencial e consumado de sua expressão (DONDIS, 2001).

A compreensão dos elementos visuais individuais permite o conhecimento mais aprofundado das qualidades específicas de determinada linguagem visual. A arte é uma maneira pela qual as pessoas expressam seus sentimentos, suas emoções, desenvolvem sua sensibilidade e criatividade, além de ser uma forma de comunicação.

Semelhantemente, Coletto (2010) e Goulart (2006) afirmam que a arte é importante na vida da criança, pois, facilitará o desenvolvimento da expressão e da criatividade do indivíduo.

Já para Silva e Gonçalves (2003), ao refletir sobre qualquer atividade essencialmente lúdica, como a artística, é preciso lembrar que ela desenvolve um elemento emocional de prazer.

Carvalho e Guimarães (2002) salientam que o desenvolvimento da criança é um processo que ocorre numa rede de relações sociais. Esse processo ocorre em um contexto no qual a criança é colocada em contato com outras pessoas.

É imersa nessa rede que a criança vai fazendo sua inserção no mundo. A aquisição da

linguagem, a aprendizagem de hábitos e costumes estão diretamente ligadas ao fato de a criança fazer parte desse universo maior de relações sociais. (CARVALHO E GUIMARÃES, 2002, p. 31).

Não se pode negar que a arte faz parte da formação da criança e, dessa forma, o trabalho da arte no ensino fundamental irá propiciar às crianças formas de se expressar de forma livre e prazerosa.

Goulart (2006) afirma que é importante trabalhar artes no ensino fundamental, porque, por meio delas, a criança pode exteriorizar seus sentimentos, emoções e, ainda, por tratar-se de uma maneira de ampliar as capacidades da criança, possibilita a exploração de diversos tipos de materiais, desenvolvendo cada vez mais a sua autonomia e identidade.

A esse respeito, Silva e Gonçalves (2003) salientam que uma das funções básicas da escola é trabalhar, objetivando o pleno desenvolvimento do educando. Atuam sobre a criança, todo o tempo, as influências do meio em que está inserida. “A maneira como a criança se relaciona com esse contexto que lhe é externo é de caráter predominantemente lúdico. Ela quer fazer o que lhe dá prazer, o que satisfaz, por isso gosta tanto de brincar e desenhar” (BARBOSA, 2019, p. 22).

O PAPEL DO PROFESSOR NO ENSINO DAS ARTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

As artes visuais no ensino fundamental são importantes no desenvolvimento da criança, pois, permitem que as crianças vivenciam suas experiências e desenvolvem o conhecimento em diferentes produções artísticas.

Na concepção de Barbosa (2003), a arte, como conteúdo, representa o melhor trabalho do ser humano. “Arte não é somente básica, mas essencial na educação de um país em desenvolvimento. Arte não é enfeite, arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente de interpretar o mundo, a realidade, o imaginário e é conteúdo” (BARBOSA, 2003, p. 4).

Com base nessa afirmação, é possível compreender que a arte tem influência fundamental sobre o desenvolvimento da personalidade infantil e precisa ser incentivada por meio da imaginação e de atividades lúdicas que alarguem as possibilidades cognitivas, afetivas, sociais e criadoras da criança.

Nesse sentido, Ferreira (2008) acredita que a realização de tais atividades e atitudes no contexto escolar favorece a ação espontânea da criança, contribuindo para a sua formação intelectual e o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades.

Ao questionar quando se devem iniciar as atividades artísticas na educação, percebe-se que a criança já as realiza desde que nasce.

Para Prosser (2012, p. 07):

A cada idade, a criança vai aprendendo inicialmente por observação e imitação e, depois, também de maneira mais abstrata, desenvolve-se na sua capacidade de exprimir, representar e reelaborar a realidade. Importa desafiá-la a ir cada vez um pouco mais adiante – respeitando, porém, o seu ritmo, as suas capacidades e limitações. Ela mesma irá superá-las no decorrer do processo educativo que, na verdade, dura a vida toda.

Em muitas instituições, no entanto, o lúdico é visto de maneira improdutiva, sem

nenhum vínculo com a aprendizagem formal, a que se destina a escola. A esse respeito, Carvalho e Guimarães (2002) salientam que a oferta de um ambiente rico e diversificado em estímulos/recursos com materiais, sons, espaços e relações, facilitará as oportunidades de desenvolvimento da criança.

Ferreira (2008) informa que a atividade artística na escola não é para “acalmar” as crianças ou “descansar” o professor, ou simplesmente ser uma atividade complementar.

A arte é muito mais do que isso, a arte tem a função de favorecer a ação espontânea, facilitar a livre expressão e permitir a comunicação, ela contribui para formação intelectual da criança desenvolvendo conhecimentos e habilidades, utilizando as mais diferentes linguagens para expressar experiências.

Portanto, trata-se de uma forma muito importante de expressão e comunicação humana, justificando sua presença no ensino fundamental. O trabalho com crianças do ensino fundamental (0 a 6 anos) precisa considerar o processo de aprendizagem que ocorre conforme os estágios de desenvolvimento da criança. Entretanto, deve-se ter em mente que cada criança é única, com identidade própria e um ritmo peculiar de desenvolvimento (BARBOSA, 2010). Assim sendo, além de considerar o processo de maturação da criança de forma geral e suas peculiaridades individuais, é necessário promover situações que a estimulem a conquistar gradualmente sua autonomia e sua individualidade. Identificar os conhecimentos prévios das crianças não é tarefa fácil. Exige que o educador crie estratégias didáticas para realizá-lo (BRASIL, 1998).

Para tanto, o RCNEI propõe que a prática das Artes Visuais seja trabalhada como parte do dia a dia da criança, uma vez que nesse período, que vai dos dois até os quatro ou cinco anos de idade, ela rabisca o chão e as paredes, desenha seu próprio corpo, pinta objetos, cria sua marca. Sugere ainda que:

As Artes Visuais precisam ser compreendidas como uma linguagem que tem estrutura e expressam, comunicam e conferem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade através da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, etc. (BRASIL, 1998, p. 86).

Essa sabedoria artística, própria de crianças pequenas, está cheia de conceitos e ideias que abrangem e revelam valores, emoções, sentimentos e significados acerca de si e acerca do mundo à sua volta.

A arte incentiva o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários às diversas áreas de estudo. Porém, não é apenas isso que justifica a sua introdução no currículo escolar, mas sim seu valor intrínseco como construção humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos. (BARBOSA, 2019).

Sendo assim, é necessário que o professor estimule a criança para que ela conquiste saberes novos e aproprie do conhecimento produzido. De acordo com Fusari e Ferraz (2001), o professor deve conhecer e compreender melhor a forma de ensinar as linguagens artísticas, levando em consideração o contato que os alunos têm com o universo de visualidade do mundo contemporâneo, isto é, deve pensar as aulas de modo a privilegiar a observação, expressão e comunicação das crianças.

Sendo assim, um dos principais compromissos com o professor é adequar sua prática

educativa para o desenvolvimento das expressões e percepção infantil, que são favorecidas quando “elas são orientadas para observar, ver, ouvir, tocar, enfim, perceber as coisas, a natureza e os objetos à sua volta. Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, fazem parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda vida” (FUSARI E FERRAZ, 2001, p. 56).

A fim de orientar os professores sobre os conteúdos de aprendizagem em artes, os RCNEI (BRASIL, 1998) recomendam que poderão ser organizados de modo a permitir que a criança utilize sua carga de conhecimento de mundo, mas também possa estabelecer novas relações. Para isso é necessário que o professor, para ter uma ação educativa de qualidade, deve garantir que:

- a criança possa compreender e conhecer a diversidade da produção artística à medida em que estabelece contato com as imagens das artes nos diversos meios, como livros de arte, revistas, exposições, filmes, etc.;
- exista a possibilidade do uso de diferentes materiais pelas crianças, levando os a serem percebidos em sua diversidade, manipulados e transformados; • os pontos de vista de cada criança sejam respeitados, estimulando e desenvolvendo suas leituras singulares e produções individuais;
- as trocas de experiências entre as crianças aconteçam nos momentos de conversa e reflexão sobre os trabalhos, elaborações e atividades em grupo; • o prazer lúdico seja o gerador do processo de produção;
- a arte seja compreendida como linguagem que constrói objetos plenos de sentido;
- A valorização da ação artística e o respeito pela diversidade dessa produção são elementos sempre presentes.

A criança necessita expressar as ideias à sua maneira, cabe ao professor agir flexivelmente para compreender o modo de pensar dela, ser receptivo para aceitar suas ideias e encaminhar a criança para o uso de seu pensamento criador em todos os sentidos do desenvolvimento de sua criatividade.

Diante do papel fundamental que o educador desempenha no processo ensino-aprendizagem, Fusari e Ferraz (2001) acreditam ser papel do educador adaptar a sua prática para desenvolver as expressões e as percepções infantis.

Isso porque a arte é um dos espaços nos quais as crianças exercitam suas potencialidades perceptivas. Porém, é necessário que o professor conheça os principais aspectos pedagógicos e filosóficos que permeiam o processo de ensino e aprendizado da arte.

De acordo com Biasoli (2009), o professor deve procurar, em sua prática pedagógica, estabelecer uma ação recíproca com os alunos e com a realidade circundante, propor uma atividade criadora em oposição à atividade mecânica e repetitiva, vinculando a teoria à prática tanto no saber e fazer artístico como no saber e fazer pedagógico.

Da mesma maneira, é importante que o professor esteja atento e aberto para o que os alunos têm a dizer nas aulas, pois, “a relação entre professor e aluno é viva” (TATIT & MACHADO, 2003, p. 09).

De acordo com Tatit e Machado (2003), o docente precisa estar atento e sintonizado também com as transformações, com os estímulos que surgem no percurso do trabalho, porque,

na maioria das vezes, os alunos gostam de participar manifestando suas ideias que são veículos de uma nova proposta.

Nesse sentido, o ensino da arte será efetivado pela figura do professor, uma vez que a prática pedagógica define o tipo de profissional que, por sua vez, define o tipo de prática pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão proposta pela presente pesquisa, sobre as Artes Visuais no ensino fundamental, proporcionou-nos a compreensão da importância da arte para o desenvolvimento infantil.

Partindo da perspectiva histórica do ensino fundamental, em seus primeiros passos até as recentes conquistas configuradas por meio da LDB 9394/96, que instituindo essa como a primeira etapa da Educação Básica, percebeu-se que se trata de um momento essencial para a descoberta de mundo na criança de 0 a 6 anos. Essa percepção foi possível graças a várias pesquisas que demonstraram o crescente interesse em resgatar a importância da infância e todas as peculiaridades que lhe são inerentes, como as brincadeiras, a criatividade, as linguagens que lhe são próprias.

Tal interesse mostrou-se visível na legislação que regulamenta a Educação Infantil hoje, no Brasil, e que faz parte de um processo sócio-histórico no qual o ensino infantil está inserido: a Constituição Federal de 1988, a LDB 9394/96 e o Referencial Curricular Nacional do ensino fundamental – RCNEI, de 1998.

Assim como o amparo legal, vários pesquisadores focam em seus trabalhos a importância do ensino fundamental para o desenvolvimento da criança. Isso porque o ensino fundamental propicia o desenvolvimento infantil, uma vez valoriza e amplia os conhecimentos da criança, possibilitando-lhe a construção de sua autonomia, criatividade e cidadania. Nesse contexto, o ensino de Artes nessa primeira etapa da Educação Básica é essencial, uma vez que promove os meios da expressão humana.

Com o intuito de valorizar a arte no ensino fundamental, o RCNEI privilegia esse aspecto, admitindo que o ensino da arte possibilita o desenvolvimento do conhecimento da criança, suas habilidades e a descoberta de suas potencialidades, o que por si só já justifica a presença da arte no contexto da educação.

Em especial, o trabalho com as artes visuais permite que a criança comunique-se, expresse seus sentimentos, seus pensamentos, como uma forma de linguagem, que pode ser percebida, sobretudo, por meio do desenho infantil, pois, é por intermédio dele que a criança concebe seu espaço, sua realidade: o desenho é o modo de expressar da criança.

A arte desempenha um papel especial na vida da criança, pois, sua capacidade de criar e recriar envolve escolhas pessoais, vivências e formas de perceber o mundo que a cerca, permitindo que a mesma trace um percurso de criação e construção individual. É um momento de liberdade máxima que a criança reúne elementos experienciados por ela para dar novo significado às suas produções.

A arte não deve ser considerada um passatempo e também menos importante do que as

outras áreas do conhecimento. Sendo assim, um dos principais compromissos do professor da Educação Infantil é adequar sua prática educativa de modo a privilegiar a observação, a expressão e a comunicação das crianças, representando papel central nesse contexto, pois atua como mediador entre o conhecimento e a criança.

É imprescindível que o professor possa respaldar a sua prática de forma significativa, na qual todas as potencialidades infantis possam ser valorizadas, mesmo por que em se tratando do fazer artístico da criança, a sua cultura e originalidade estão presentes de forma marcante e é imprescindível que seja abarcado pelo processo de ensino-aprendizagem.

Independente de ser especializado ou não o professor necessita dialogar, estar aberto às sugestões, partilhar angústias, pois, a arte talvez seja feita da matéria de uma experiência e linguagem que sobrevoam os sentidos das coisas, sem se preocupar se há mesmo uma verdade a que se deva bater continência. E assim construir caminhos não só para projetar a arte no espaço da escola, com também entender as possibilidades que a arte traz para criança de traçar estratégias para resolução de conflitos internos e externos, como também buscar finalidades educacionais comuns que validem toda expressão dos sentimentos e percepções dos educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A. M. A imagem no ensino de arte. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- _____. Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. In: Conceitos e Terminologias. Aquecendo uma transformação. Atitudes e Valores no Ensino da Arte. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BARBOSA, P. P. S. O Ensino de Artes Visuais no ensino fundamental: a prática de leitura e apreciação de obras artísticas. Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A9FF7C/poliana_corre_o_avalador_banca_29_12_15.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 jul. 2019.
- BASTOS, F. M. O perturbamento do familiar: Uma proposta teórica para a Arte/Educação baseada na comunidade. In: BARBOSA, A. M. Arte/educação contemporânea. Consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez, 2005.
- BIASOLI, C. L. A. A Formação do Professor de Arte. Do Ensaio à Encenação. São Paulo: Papyrus, 2009.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n.9.394, de 20 de dez. de 1996.
- 11
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUENO, L. E. B. Metodologia do Ensino de Artes: Linguagem das Artes Visuais. Curitiba, IBPEX, 2008.
- CARRARA, R. M. O ensino das artes no Brasil. 195 anos de História. Porto Alegre: Simplíssimo Livros Ltda, 2012.
- CARVALHO, A.; GUIMARÃES, M. Desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos. Natureza-cultura em interação. In: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. (org.). Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- COLETO, D. C. A Importância da Arte para a Formação da Criança. Revista Conteúdo. Capivari, v. 1, n. 3. Jan/Jul, 2010.
- DONDIS, D. A Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FUSARI, M. F. de R. FERRAZ, M. H. C. de T. Arte na Educação Escolar. 4ª. Ed. Reimp. Coleção Magistério. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRA, A. A criança e a arte: o dia-a-dia na sala de aula. 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- GOULART, J. Trabalhando a Arte como conhecimento no ensino fundamental. Revista de Iniciação Científica. V. 4, n. 1. 2006.
- PROSSER, E. S. Ensino de Artes. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.
- SILVA, M. T. C. G.; GONÇALVES, S. M. A. O. O Papel da Arte no Desenvolvimento da Criança. In: STORI, N. (org.). O Despertar da Sensibilidade na Educação. São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie: Cultura Acadêmica, 2003.
- TATIT, A. MACHADO, M. S. M. 300 Propostas de Artes Visuais. São Paulo: Loyola, 2003.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Publicação Mensal da INTEGRALIZE

Aceitam-se permutas com outros periódicos.

Para obter exemplares da Revista impressa, entre em contato com a Editora Integralize pelo (48) 99175-3510

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande,
CEP 88032-005.

Telefone: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.onlin>